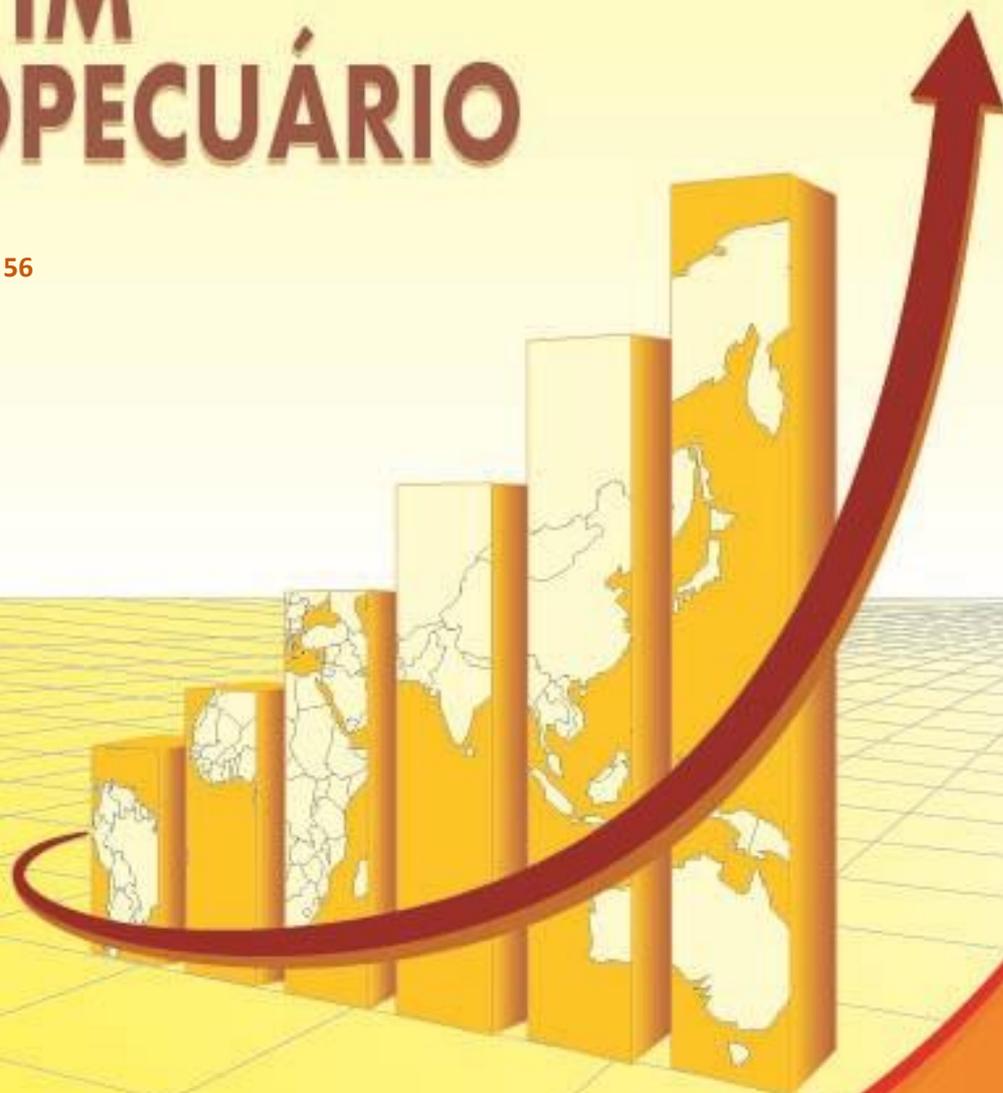


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Janeiro/2018 – Nº 56





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Haroldo Tavares Elias

Tabajara Marcondes



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Enilto de Oliveira Neubert – Epagri/DPI

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	9
Milho.....	11
Soja	14
Hortaliças	18
Alho.....	18
Cebola	21
Pecuária	24
Avicultura.....	24
Bovinocultura	30
Suinocultura.....	35
Leite	41

Grãos

Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Safra de arroz segue em ritmo normal no Estado

Com a semeadura de arroz concluída em todo estado, até o mês de dezembro a safra pode ser considerada normal, sem ocorrência de problemas generalizados com doenças ou ataque de pragas e com o clima apresentando comportamento bastante favorável ao desenvolvimento das lavouras. Na Região Sul do estado, que compreende as microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão a precipitação média no mês de dezembro foi superior a 150mm, para a Região do Alto Vale, que é composta pelas microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga, a precipitação média em dezembro foi de cerca de 140mm, e para a Região Norte, composta pelas microrregiões de Joinville, Itajaí e Blumenau, a precipitação média no mesmo mês foi superior a 205mm. Até o momento, as estimativas de produção e rendimento vem confirmando nossa estimativa inicial de que esta safra não será tão abundante como a que ocorreu na safra passada. Quanto a área destinada para a cultura, não foram observadas alterações significativas em relação à safra passada. Segundo dados da Conab, em nível nacional a área plantada deverá apresentar redução nessa safra. A expectativa é que a área brasileira de arroz totalize 1.946,2 mil hectares, redução de 1,8% em relação à área da safra 2016/17. Nos estados produtores das Regiões Centro-Oeste e Nordeste, a tendência de redução em áreas de sequeiro permanece nessa safra, como é o caso do Mato Grosso e Maranhão, onde a competição por área para culturas mais rentáveis, como é o caso da soja, tem aumentado a cada ano.

Em Santa Catarina, o preço mais comum para a saca de 50kg de arroz passou de R\$39,14 no mês de novembro, para R\$ 39,27 no mês de dezembro, aumento de 0,33%. No acumulado de 12 meses, as perdas chegam a 16,09%, pois em dezembro de 2016 o preço médio pago ao produtor pela saca de arroz estava cotada a R\$ 46,80. No Rio Grande do Sul, responsável por cerca de 70% da produção nacional, a saca de 50kg de arroz passou de R\$ 36,64 para R\$ 36,55, redução de 0,25% no mês. Há um ano, a mesma saca estava cotada a um preço médio de R\$ 48,87, redução de 25,21% em 12 meses. No Mato Grosso e Tocantins, estados que comercializam arroz em casca em sacas de 60kg, o mercado registrou alta no preço pago aos produtores de Tocantins em cerca de 4,75%, e redução no preço médio para os produtores do Mato Grosso em cerca de 4,50%. Analisando uma série maior de meses, podemos observar que, em comparação a novembro de 2016, as perdas acumuladas nos últimos 12 meses chega a 37,49% para o Mato Grosso e 19,987% para o Tocantins.

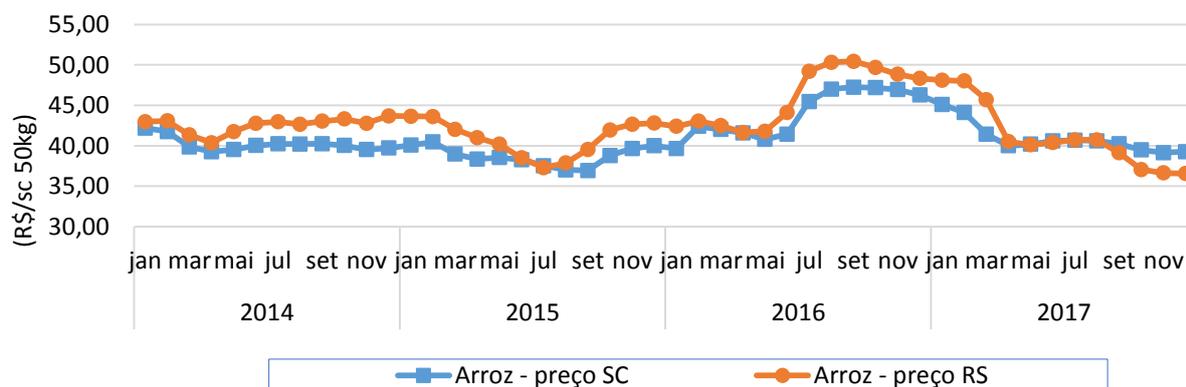
Arroz – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca

Estado	Nov./2017 R\$/saca	Dez./2017 R\$/saca	Variação mês (%)	Dez./2016 R\$/saca	Variação ano (%)
Santa Catarina	39,14	39,27	0,33	46,80	-16,09
Rio Grande do Sul	36,64	36,55	-0,25	48,87	-25,21
Mato Grosso	42,63	40,71	-4,50	65,13	-37,49
Tocantins	51,32	53,76	4,75	67,18	-19,98

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca saca de 50kg, MT e TO = arroz sequeiro saca de 60kg.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Agrolink (RS/MT/TO).

Em relação aos preços pagos aos produtores em Santa Catarina, em 2016 o preço médio da saca pago aos produtores ficou em cerca de R\$ 44,00, já em 2017 esse valor está em R\$ 40,90, variação de -7,04%. Para esta safra a expectativa é de que teríamos uma pequena redução nos custos de produção de arroz, contudo isso não se confirmou, o aumento nos preços dos combustíveis e da energia elétrica, insumos largamente utilizados na cultura do arroz irrigado, acabaram por elevar todo custo de produção. Com um custo variável unitário por saca em torno de R\$39,90, os preços que vem sendo praticados não chegam a cobrir as despesas realizadas pelos produtores.



Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço ao longo dos meses – Santa Catarina – 2014-17

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Colheita do feijão 1ª safra chega a 30% no Estado

Do total da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra, estimamos que cerca de 30% já esteja colhido. Segundo informações de cooperativas da região Oeste (Chapecó) e Extremo-Oeste (São Miguel do Oeste), a qualidade de grãos e o rendimento das lavouras estão sendo consideradas muito boas. Na região do Planalto Norte (Canoinhas), as lavouras de feijão começarão a ser colhidas a partir da segunda quinzena de janeiro. Em função da estiagem de setembro, as lavouras estão atrasadas em pelo menos 20 dias. No Planalto Serrano (Lages e São José do Cerrito) e Planalto Sul (Campos Novos e Curitiba) as lavouras de feijão 1ª safra se encontram em desenvolvimento vegetativo e em boas condições agrônômicas.

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum teve variação negativa de 2,43% entre os meses de novembro e dezembro, ficando em R\$ 107,33/saca 60kg, preço pago ao produtor. Apresentaram quedas no mês de dezembro em relação a novembro as cotações em todos os estados levantados: Paraná (-6,54%), Minas Gerais (-17,46%), Goiás (-8,89%) e São Paulo (-4,46%). Como pode ser observado na tabela abaixo, nos últimos 12 meses as cotações despencaram. Em dezembro de 2016 a saca de 60kg estava cotada em Santa Catarina a R\$ 170,00, uma redução no período de cerca de 36,86%, no estado do Paraná a redução foi ainda maior, cerca de 46,59%, passando de R\$ 152,83 em dezembro de 2016 para R\$81,63 em dezembro de 2017.

Para o feijão preto, em Santa Catarina os preços tiveram baixa de 1,82% neste mês de dezembro em comparação a novembro, comportamento idêntico ao observado no Rio Grande do Sul. Por lá, o feijão preto teve variação negativa de 3,85% no mês de dezembro. Em relação a um ano atrás, a redução no preço pago ao produtor catarinense pela saca de 60kg chega a cerca de 44,62%.

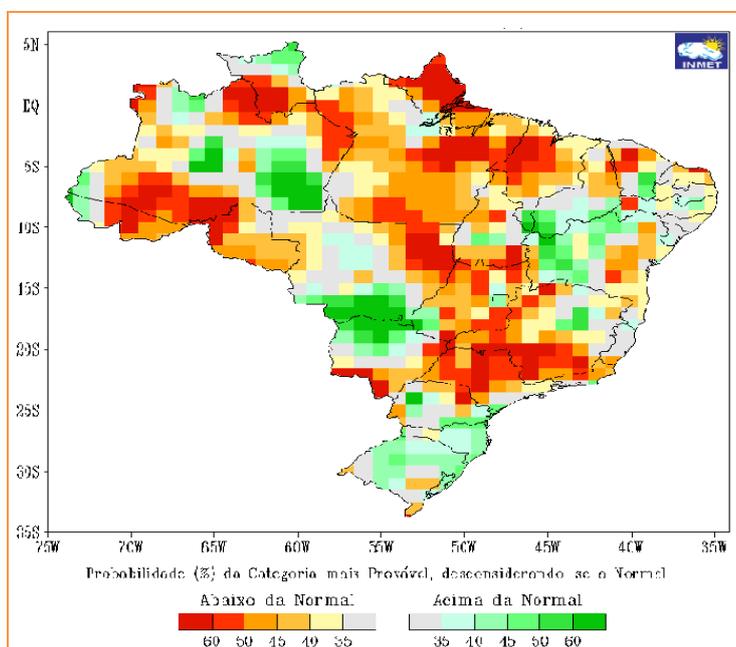
Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg

Estado	Tipo	Nov./2017	Dez./2017	Variação (%)	Dez./2016	Variação (%) ⁽¹⁾
Santa Catarina	Feijão Carioca	110,00	107,33	-2,43	170,00	-36,86
Paraná		87,34	81,63	-6,54	152,83	-46,59
São Paulo		114,43	109,33	-4,46	171,47	-36,24
Minas Gerais		108,63	89,66	-17,46	186,54	-51,94
Goiás		100,69	91,74	-8,89	186,33	-50,76
Santa Catarina	Feijão Preto	110,00	108,00	-1,82	195,00	-44,62
Paraná		111,35	104,65	-6,02	196,13	-46,64
Rio Grande do Sul		136,50	131,24	-3,85	225,37	-41,77

⁽¹⁾ em comparação com dezembro/2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

A pouca variação nos preços pagos aos produtores pelo feijão nos últimos meses se justifica em parte pelo comportamento do mercado consumidor. Segundo dados do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), no mês de outubro o feijão apresentou redução de preços ao consumidor final em 19 cidades brasileiras. O estudo também demonstrou que nos últimos 12 meses o valor acumulado de redução do preços do feijão teve o seguinte comportamento: o preço do feijão carioca recuou em todas as cidades pesquisadas, com as taxas variando entre -62,98% em Fortaleza e -53,08% em Maceió. Para o feijão preto, ocorreu diminuição em todas as localidades pesquisadas: Vitória (-38,29%), Curitiba (-37,26%), Florianópolis (-33,12%), Rio de Janeiro (-32,80%) e Porto Alegre (-30,97%). Um dos fatores que promoveram essa queda nos preços, segundo o estudo, pode ser atribuído à elevação na oferta do feijão carioca, o que ocasionou diminuição dos preços no varejo. Para o feijão preto, a oferta foi menor em função do fim da safra, mas as reduções de preços do feijão carioca acabaram “puxando para baixo” o valor médio do feijão preto.



Válido para - Janeiro-fevereiro-março/2018.

Fonte: INMET.

Precipitação - Previsão Probabilística em Tercis. Atual. – Dez/2017.

Sul de Santa Catarina e 21°C no Oeste Catarinense e entre as médias máximas que variam entre 22 °C, na Região Serrana de Santa Catarina e 32 °C no Oeste do Paraná devem ficar muito próximos a estes valores.

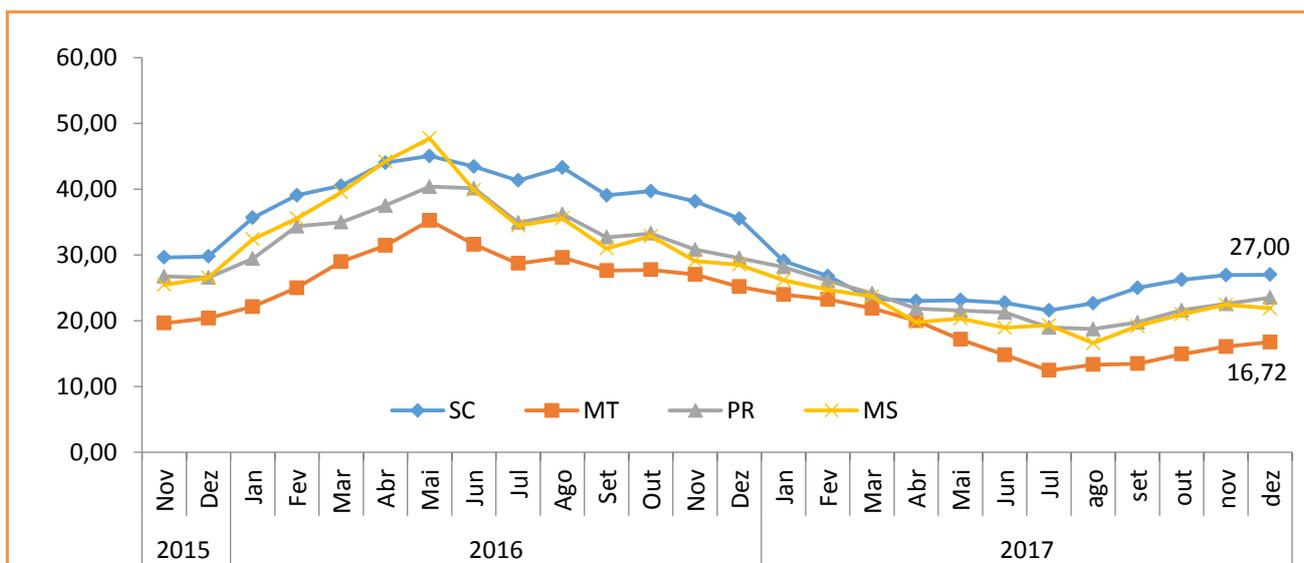
Em relação ao clima para os próximos três meses, segundo dados do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia) para este verão devemos esperar chuvas irregulares e mal distribuídas para toda Região Sul, como observado no mês de dezembro. Essa condição de má distribuição e irregularidade da precipitação é uma das características marcantes da influência do *La Niña* na Região Sul. Nesse período, é comum a ocorrência de precipitações de forte intensidade em períodos curtos de tempo, intercalando com períodos de vários dias sem precipitação, agravado pelo fato de a evaporação e evapotranspiração serem maiores nos meses de verão, o que pode acarretar problemas para a agricultura.

Em relação às temperaturas, o INMET alerta que em anos de *La Niña* normalmente a tendência é dos extremos de temperatura se acentuarem. As temperaturas médias mínimas, que variam entre 12°C no Planalto

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

No mês de dezembro, os preços do milho nos principais estados produtores continuaram apresentando recuperação, visto que desde julho/16 estavam em rota de desvalorização. Em julho/17 registrou o menor valor do ano, o que teve reflexo na expectativa de plantio da safra 2017/18. Em Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em novembro registraram R\$ 16,72/sc, R\$ 23,50/sc e R\$ 27,00 respectivamente. Em Santa Catarina, os preços médios tiveram reação significativa desde julho, quando registrou R\$ 21,18 e em dezembro R\$ 27,00 a saca de 60 kg, na praça de Chapecó (praça referência no Estado). Neste período, os preços apresentaram uma elevação de 27,5%. No entanto, a variação do preço em relação a dezembro de 2016 é de - 24%, o que sinaliza ainda patamares de preços bem inferiores aqueles praticados na safra anterior. Considerando os reajustes comparativos aos meses imediatamente anteriores, o reajuste nos preços de nov/dez/2017 é o menor índice desde agosto/2017 (0,3%), o que indica uma tendência de estabilização dos preços no mês que antecede o início da colheita da safra 2017/18 em algumas regiões do Paraná e Oeste de Santa Catarina.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a dez 2017

Estimativa safra 2017/2018 – milho grão

O plantio para a safra 2017/18 de milho grão primeira safra apresenta estimativa de redução na área plantada de 12,36% e de 4,7% no rendimento em relação a safra anterior, o que poderá resultar na redução da produção em torno de 16%. Este indicativo se dá em função do baixo nível dos preços pagos ao produtor neste ano, pela elevação do custo de produção e pela opção de plantio de soja, que apresenta preços mais estáveis. Mesmo com a elevação dos preços do milho desde julho de 2017, este fato não influenciou a expectativa de plantio. A área crescente de plantio de milho silagem também explica a redução da área com milho grão.

Panorama regional:

Região Oeste – Municípios do Vale Uruguai, áreas com altitude até 500m, Palmitos, Itapiranga, entre outros, iniciaram a colheita. Nestas áreas, semeadas em final de agosto e início de setembro apresentaram problemas em função da estiagem e incidência de pragas no início da implantação das lavouras, o que está resultando em redução da produtividade, em torno de 10-15% comparativamente a safra anterior. Nesta região e todo o extremo oeste a colheita/corte do milho para silagem avança rapidamente, chegando a mais de 50% das áreas.

Nas regiões em torno de Chapecó/Xanxerê e Concórdia, até o dia 15 de janeiro mais de 70% das lavouras encontram-se em fase de maturação. Os relatos são de safra normal. No entanto, em função da irregularidade das chuvas em alguns períodos (setembro e início de dezembro de 2017), a atual safra não deverá repetir os excelentes resultados do período 2016/17.

Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitiba, Caçador: Nestas regiões, em função da ocorrência de período sem chuvas na primeira quinzena de dezembro/17 e altas temperaturas, muitas lavouras estavam em fase de floração (fase mais sensível no ciclo das plantas) e enchimento de grãos. Estimativas de redução de rendimento de 5-10% nestas regiões, com variação entre os municípios em função de ocorrência de chuvas localizadas no período.

Campos de Lages: A maior parte das lavouras foram semeadas em novembro/dezembro. Estas estão na fase de desenvolvimento vegetativo. Condições normais de umidade do solo sugerem safra com bom rendimento.

Região Norte: O evento climático (estiagem) ocorrido no mês de setembro/17 não causou maiores problemas, porém, um pequeno atraso no calendário de plantio das grandes áreas de milho. Para as áreas de milho é extremamente importante que exista umidade no solo, principalmente na fase de floração. Essas condições ocorreram em dezembro favorecendo o período de maior concentração destas áreas (80% em floração até 15 de jan/18). Com isto, as lavouras nesta região estão com bom desenvolvimento e deverão apresentar bom potencial produtivo.

Alto Vale o Itajaí – Lavouras. Início da colheita, com registros de produtividades iniciais satisfatórias, entre 7 a 8 ton/ha.

Estadual: Em nível estadual, até 15 de janeiro/18 já teve início a colheita de milho grão em algumas áreas, em municípios do Vale do Uruguai e extremo Oeste, com altitude inferior a 500m. Estas áreas foram semeadas em final de agosto e início de setembro, mais em função da estiagem naquele período e incidência de pragas, o estande/população de plantas por hectare não foi a ideal, o que está refletindo na redução da produtividade em 10-15%. No entanto, a região em questão representa menos de 10% da área total cultivada no Estado. Outra região que relata algum problema é a de Joaçaba/Campos Novos. A estiagem na primeira quinzena de dezembro/17 deverá resultar quebra no rendimento de 5-10% comparativamente a safra anterior. Nas demais áreas do Estado as lavouras encontram-se com desenvolvimento normal até o período. No contexto geral, o prognóstico realizado pela Epagri/Cepa em setembro/2017 está se confirmando, ou seja, a produção da safra atual deverá ser inferior a do período anterior, que foi excelente no acompanhamento sistemático das últimas cinco safras.

Em termos da área de milho destinado a silagem, o corte/colheita segue em forte ritmo na Região Oeste, onde se concentra a maior área de produção leiteira. Em municípios da região Extremo Oeste a colheita já está praticamente finalizada. A produtividade está em torno de 35 a 42 ton/ha.

Climatologia - (o que se espera para época do ano¹):

Em janeiro, fevereiro e primeiros dias de março a chuva convectiva (curta duração), típica de verão, ocorre com frequência entre a tarde e noite, e por vezes na madrugada. A média mensal é de **130 a 230mm**, mais altos em janeiro e fevereiro, e no Oeste e Litoral do Estado.

Durante o trimestre, os episódios de precipitação normalmente ocorrem associados à passagem rápida de frentes frias e influência dos Sistemas Convectivos de Mesoescala (SCM) que provocam chuva mais intensa especialmente no Oeste e Meio Oeste. E, também, pelo processo convectivo (trovoadas da tarde). Ciclones extratropicais em janeiro e fevereiro são menos frequentes do que em março, mas quando ocorrem intensificam o vento no litoral e deixam o mar agitado com ressaca e perigo para a navegação no Litoral catarinense.

Milho primeira safra – Brasil

Os impactos da boa produção da safra passada refletem em redução da área plantada para a safra 2017/18, uma vez que os preços mantiveram-se em um patamar abaixo do ano anterior. A estimativa é de produção de 25,18 milhões de toneladas, que deverá ser 17,3% inferior à safra passada (CONAB, jan. 2018)². Uma tendência ocorrida em safras passadas é a transferência do plantio desse cereal para a segunda safra, após a colheita da soja. O tamanho da área a ser semeada vai depender da janela climática para o milho, uma vez que houve atraso no plantio em algumas regiões.

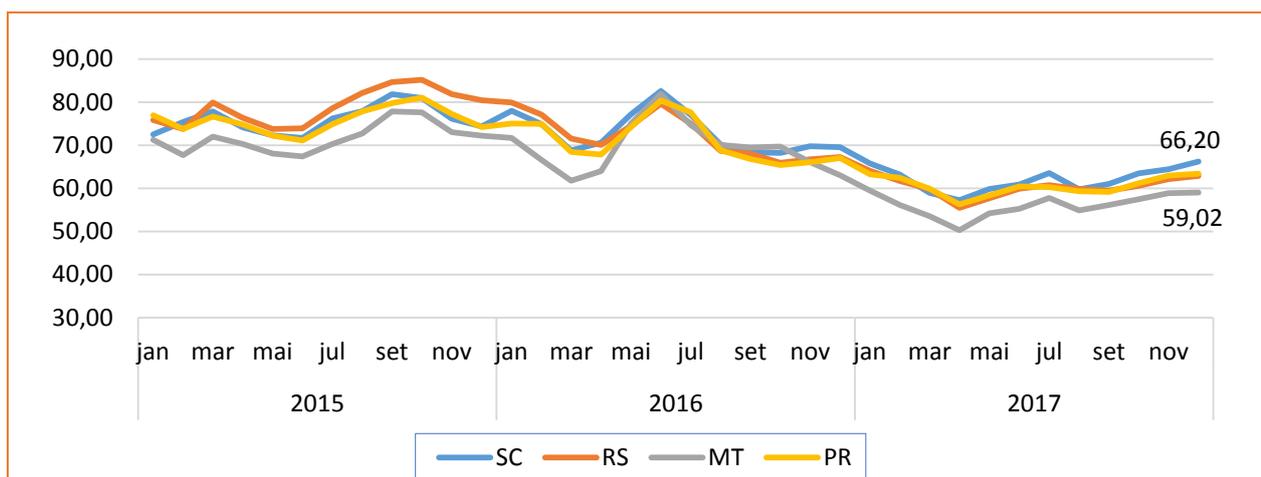
¹ http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

² http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/18_01_11_14_17_49_graos_4o_levantamento.pdf

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em dezembro, a soja continua a escalada de recuperação dos preços nas principais praças dos estados produtores, sendo registrados no último mês de 2017 os valores R\$ 59,02, R\$ 63,35 e R\$ 62,87 (saca de 60 kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de novembro, os preços tiveram em média 1,24% de reajuste. No entanto, o comparativo com o mesmo mês do ano anterior (dezembro de 2016), a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -6,1%. Em Santa Catarina, os preços apresentaram ligeira alta entre nov. e dez./2017, 2,76%, sendo cotados em R\$ 66,20/sc, após um longo período de desvalorização, de junho de 2016 á abril/2017, com a safra expressiva tanto para o Brasil como nos demais países produtores, que contribuiu para queda dos preços em 2017. No entanto, desde setembro, os preços vem apresentando elevação. As preocupações com o cultivo da safra 2017/18, estiagem na Argentina, atraso do plantio em algumas regiões no Brasil constituíram fatores altistas no período outubro-dezembro 2017 (veja perspectivas 2018).



Preços corrigidos IGPDI, dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

Soja – Preço médio mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a out 2017

Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também gerou efeitos negativos sobre os preços desde meados de 2016. No acumulado do ano, de janeiro a novembro, o volume exportado alcançou 1.845.690 toneladas, volume 17,9% superior ao de 2016. É considerado o maior volume exportado na série histórica por Santa Catarina. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.

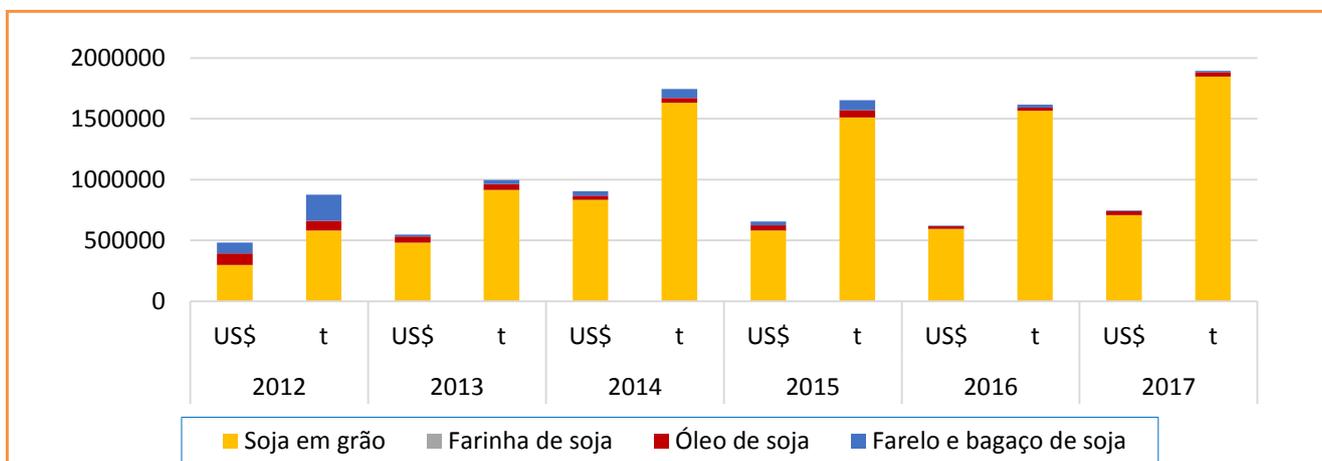
Evolução das exportações do complexo soja em Santa Catarina

Avaliando a evolução das exportações catarinenses do complexo soja, verificamos que de 2012 a 2017 houve um expressivo aumento nas exportações desta oleaginosa, mais que triplicando os volumes comercializados de soja em grão no período. No entanto, analisando os itens de exportações, os produtos processados, como óleo (-48%) e farelo de soja tiveram uma grande retração. Na tabela abaixo é possível comparar os números e no gráfico está visível a retração destes itens. Os fatores que levaram a esta diminuição dos produtos processados da soja e elevação da soja em grão foi em função da política comercial da China, que isenta a importação de grãos e, por outro lado, tributa a importação de óleo e farelo e outros processados de soja. Isto indica medidas de proteção da indústria chinesa, país que importa mais 80% da soja brasileira.

Soja – Acumulado das exportações do complexo soja de Santa Catarina (2012 a 2017), em mil toneladas e valor FOB US\$

Descrição NCM	2012		2013		2014		2015		2016		2017	
	US\$ (1000)	(t)	US\$ (1000)	(t)	US\$ (1000)	(t)	US\$ (1000)	(t)	US\$ (1000)	(t)	US\$ (1000)	(t)
Soja em grão	298.481	581.658	482.350	914.612	833.597	1.630.453	582.484	1.509.434	593.797	1.565.502	708.052	1.845.698
Farinha de soja	21	20	36	31	71	45	20	18	26	24	41	29
Óleo de soja	94.085	78.565	49.328	48.176	35.022	40.077	41.785	62.834	20.958	25.744	34.792	37.962
Farelo e bagaço de soja	89.262	214.119	16.665	34.659	36.585	72.827	30.412	79.044	7.629	23.404	2.901	9.528
Total soja	481.848	874.363	548.378	997.479	905.276	1.743.403	654.701	1.651.330	622.411	1.614.674	745.787	1.893.216

Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) e Regime Tarifário Comum.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

<http://alicesweb.mdic.gov.br//consulta-ncm/consultar>.

Soja – Acumulado das exportações do complexo soja de Santa Catarina (2012 a 2017), em toneladas e valor FOB US\$

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 658 mil hectares. Na atual safra 2017/18, a estimativa de cultivo da leguminosa confirma a crescente expansão em termos de área. Há expectativa de incremento de 7,3% em relação a safra anterior, 2016/17. Assim deverá alcançar 706 mil hectares, sendo confirmado com a estimativa atual. Esta área conquistada vem da redução de área do milho, de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas ao longo dos anos. No entanto, quanto ao rendimento (Kg/ha), há um indicativo de variação de -2,3% (relativo a safra anterior) e -0,73 em relação a estimativa atual (chuvas regulares a partir da segunda quinzena de dez/17 apontaram expectativas de melhora no rendimento para a safra em curso).

Microrregião	Estimativa inicial (set/2017)			Estimativa atual (dez 2017)			Est. Atual / Est. inicial (%)		
	Área Plantada (h)	Quant. produzida	Rend. Médio	Área (ha)	Produção	Rend. Mé	Área Plant.	Produção	Rend. Méd
Campos de Lages	62950	213768	3396	63520	215760	3397	0,91	0,93	0,03
Canoinhas	140300	500480	3567	140300	500480	3567	0,00	0,00	0,00
Chapecó	94135	312426	3319	96165	313165	3257	2,16	0,24	-1,88
Concórdia	6076	19935	3281	5842	17826	3051	-3,85	-10,58	-7,00
Curitibanos	113008	459392	4065	113008	459392	4065	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	8630	27924	3236	7740	27688	3577	-10,31	-0,85	10,56
Joaçaba	67664	255994	3783	67664	255994	3783	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	4435	13785	3108	4015	14072	3505	-9,47	2,08	12,76
São Bento do Sul	15700	51000	3248	15700	51000	3248	0,00	0,00	0,00
São Miguel do Oeste	44870	139201	3102	44870	139201	3102	0,00	0,00	0,00
Xanxerê	148370	536368	3615	147160	517174	3514	-0,82	-3,58	-2,79
Santa Catarina	706138	2530274	3583	705984	2511752	3558	-0,02	-0,73	-0,71

As estimativas atualizadas de dezembro/2017 confirmam o crescimento da área cultivada de soja no estado, com área estimada de plantio superior a 700 mil hectares.

As regiões do estado que mais concentram a produção são: Canoinhas, Curitibanos (que inclui Campos Novos, maior produtor do estado) e Xanxerê que, juntas somam mais de 400.000 ha (56% do total da área cultivada no Estado), considerando as estimativas iniciais da safra 2017/2018.

Panorama regional:

Região Oeste

As lavouras nesta região encontram-se no início da fase reprodutiva/floração e enchimento de grãos, em especial nas áreas da Região de Chapecó, Xanxerê e Concórdia. A região Oeste possui variações no calendário de plantio. Nos municípios do Vale do Uruguai (altitude até 500m) como Palmitos e Itapiranga, cujo plantio é realizado no final de agosto/setembro, a colheita já teve início, considerando até 15 de janeiro, em torno de 10-15% da área colhida. Nos municípios em torno de Chapecó e Xanxerê, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos. Em algumas áreas onde foram utilizadas variedades precoces, que estão em fase de maturação e devem iniciar colheita até fim de janeiro;

Campos Novos, Curitibanos e Caçador

Produtividade estimada normal, no entanto, não deverá repetir as produtividades da safra 16/17, pois o período de estiagem no início de dezembro deverá ter efeito no potencial produtivo, em especial em lavouras com cultivares precoces, as quais se encontravam-se em fase de floração. Apesar disto, a maior parte das lavouras encontra-se com bom desenvolvimento até o período, com retorno das chuvas mais regulares nos últimos 30 dias (15 jan./2018);

Campos de Lages: O início do plantio aconteceu principalmente no final de novembro, se estendendo até meados de dezembro, em função da falta de umidade do solo. Deste modo, até 15 de janeiro grande parte das lavouras desta região estão na fase de desenvolvimento vegetativo.

Região Norte (Canoinhas, Mafra): Nesta região o calendário preferencial de plantio acontece entre 15 de outubro e 15 de novembro. A maior parte das lavouras se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo e início de floração. Relatos de bom desenvolvimento das lavouras, uma vez que após 20 de dezembro as chuvas se normalizaram na região.

Estado: 100% das áreas semeadas até 20 de dezembro em Santa Catarina, com registro de atraso de plantio nas regiões com maior altitude (Campos de Lages), em função do período de estiagem na primeira quinzena de dezembro, o que não prejudicou a lavoura na região. Registro de início de colheita até dia 15 de janeiro nas regiões do Vale do Uruguai, áreas com altitude inferior a 500m, no extremo Oeste de SC. Relatos em várias regiões do Estado que na segunda quinzena de dezembro/17 as condições climáticas retornaram a normalidade, com chuvas melhor distribuídas nos últimos 30 dias, conforme informações da Epaagri/Ciram. No geral, as lavouras se encontram em boas condições de desenvolvimento até o momento (15 janeiro) nas principais regiões produtoras.

Soja – Safra brasileira e expectativa 2018

O crescimento previsto na área cultivada de soja no Brasil é de 3,2% e as boas condições climáticas têm favorecido a elevação da produção de soja, estimada em 110,44 milhões de toneladas, mas ainda inferior à safra passada. Esta estimativa da CONAB(3) diferencia da USDA, que é inferior.

Segundo dados do USDA, com áreas recordes cultivadas com soja no Brasil e nos Estados Unidos e crescimento do cultivo na Argentina (não confirmado), China, Paraguai, entre outros, a soja ocupará em 2017/18 (safra já colhida no Hemisfério Norte) 126,5 milhões de hectares, 5,1% a mais que na anterior. Porém, espera-se que a produtividade se reduza em 5,5%, depois de ter tido crescimento de quase 12% na temporada anterior. Enquanto o clima foi extremamente favorável na temporada 2016/17, na atual o clima oscilou nos Estados Unidos e houve baixa umidade no período de cultivo no Brasil (atraso no plantio em algumas regiões). Entretanto, as chuvas abundantes durante a segunda quinzena de dezembro/2017 podem favorecer a recuperação das lavouras e resultar em produtividade acima da estimada até o momento. Na Argentina a (falta de chuvas foi em um período de plantio mais prolongado), segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, a estimativa original da área a ser plantada com soja naquele país na safra 2017/18 é de 1,1 milhão de hectares menos do que a safra 2016/17, razão pela qual a produção estimada pela mesma fonte diminuiu de 57,5 para 54 milhões de toneladas.

Por enquanto, a estimativa é que a oferta agregada possa ficar 0,8% menor que na temporada passada, em 348,5 milhões de toneladas. O USDA estima produção de 108 milhões de toneladas no Brasil (-5,35%) e de 57 milhões de toneladas na Argentina (-1,38%); se isso se confirmar, os Estados Unidos seriam os únicos com produção recorde nesta temporada, de 120,43 milhões de toneladas (+3%)(4). Além disso, a demanda externa aquecida, em especial a chinesa, elevou os preços em novembro/dezembro. Do lado da exportação, estima-se que o Brasil exporte 65,5 milhões de toneladas na temporada 2017/18, 3,7% a mais que em 2016/17. Nos Estados Unidos, são previstos embarques de 60,6 milhões de toneladas (+2,4%) e, na Argentina, 8,5 milhões de toneladas (+21%). Diante destes dados, observa-se que a demanda mundial por soja está firme, ainda sustentada por sua efetividade na geração de farelo e óleo. A preferência de produtores em cultivar a soja em detrimento de outros grãos e cereais mantém estável a oferta da oleaginosa na safra 2017/18. Porém, ao longo dos anos, observa-se que a rentabilidade de produtores está em queda e as margens de esmagadores não se ampliam⁵.

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 5 - Safra 2017/18, n4 - Quarto levantamento, janeiro, 2018. http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/18_01_11_14_17_49_graos_4o_levantamento.pdf

⁴ <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/soja-perspec-2018-oferta-se-estabiliza-mas-alto-estoque-deve-evitar-forte-oscilacao-de-preco.aspx>

⁵ Esalq/Cepea. <https://www.cepea.esalq.usp.br/en/supply-is-stable-but-high-inventories-should-limit-price-oscillations.aspx>

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Inicia a comercialização da Safra Catarinense

A safra catarinense de alho 2017/18 é de cerca de 2.500 ha de área plantada (Epagri/Cepa/2017) tendo uma participação superior a 22% da área em produção no Brasil. O incremento de área em Santa Catarina em relação a safra anterior foi de aproximadamente 20% .

Em Santa Catarina, a hortaliça é produzida basicamente por agricultores familiares em pequenas áreas, usando mão de obra familiar. Esporadicamente, nos picos de demanda de trabalho, é usada mão de obra contratada. Essas características da produção tem relação direta no grau de importância socio-econômica da cultura para o estado catarinense.

Nesta primeira edição do Boletim do ano de 2018, pretendemos trazer alguns fatos que caracterizaram a conjuntura da cultura do alho no ano de 2017.

Nesse sentido, os produtores, em geral, iniciaram a safra 2017/18 motivados pelos bons resultados da safra anterior, em que os mesmos alcançaram bons patamares de produtividade, qualidade da produção e bons preços no mercado. As características de qualidade da safra decorreram das excepcionais condições climáticas ocorridas em todo o período de desenvolvimento da cultura, tecnologia e estrutura de produção nas propriedades, especialmente para irrigação.

Em relação ao mercado, a menor oferta mundial do produto favoreceu a manutenção de bons preços no mercado interno, embora, registre-se, que as barreiras alfandegárias ao produto chinês são fatores determinantes para viabilizar a produção nacional brasileira.

Concernente a safra 2017/18 propriamente, os produtores enfrentaram um período de baixas precipitações que coincidiu com períodos críticos do processo de desenvolvimento da cultura em Santa Catarina, especialmente nos meses de setembro e outubro/17. Essa situação acarretou em aumento de custos para a maioria dos produtores, basicamente pela necessidade de irrigação e alguns tratamentos fitossanitários característicos de períodos de estresse hídrico.

Embora a grande maioria dos produtores de alho em Santa Catarina possuem estrutura de irrigação, além do custo efetivo da safra subir, também houve momentos em que os reservatórios, rios e córregos não dispunham de água para dar conta da demanda de consumo para a cultura. Como consequência, a produção teve perdas importantes em relação ao tamanho dos bulbos, consistência dos mesmos e produtividade por área.

Nesse sentido, nos próximos meses os principais atores da cadeia produtiva, bem como agentes da assistência técnica, pesquisa e lideranças dos produtores, deverão realizar as avaliações sobre o desempenho da safra de alho em Santa Catarina, cujas perdas são significativas, a princípio.

Em relação a conjuntura de mercado neste início de comercialização da safra, os produtores estão atentos a dinâmica que ainda é lenta e exploratória. Os preços aos produtores estão bastante aquém da safra passada, girando de R\$ 2,50/kg (Classe 2) a R\$ 6,50/kg (classe 6).

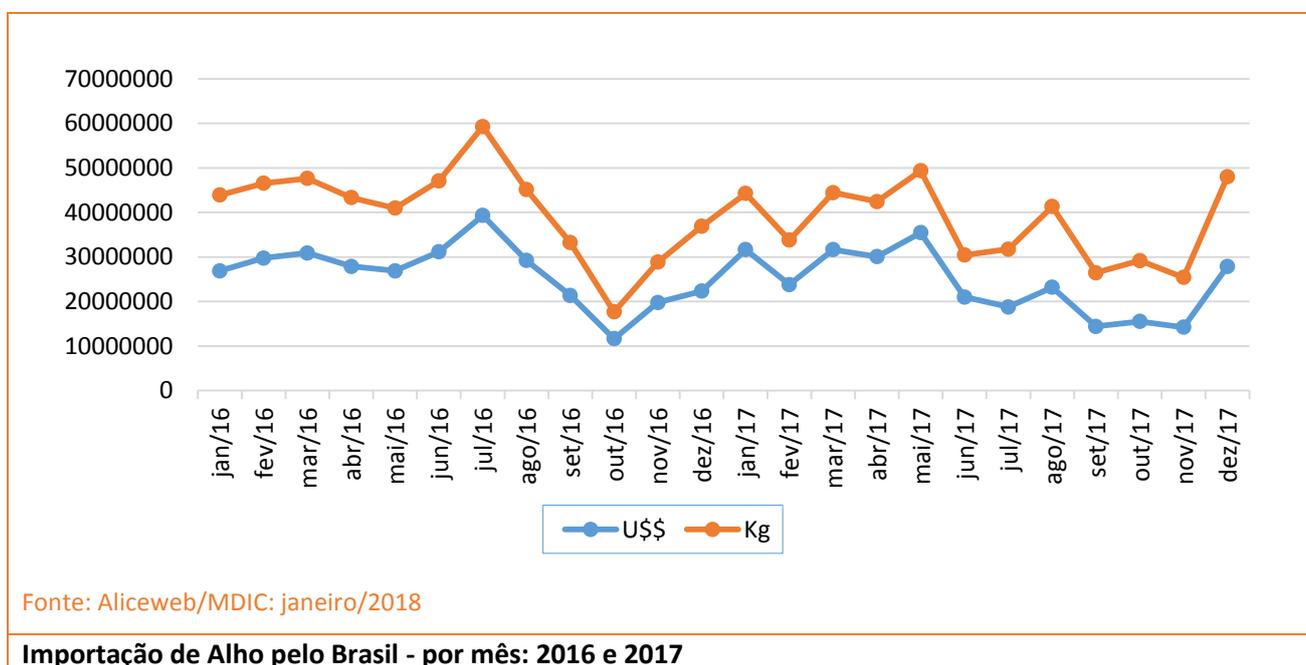
Esta situação tem basicamente dois elementos importantes que influenciam na conjuntura, como qualidade do bulbo e maior oferta mundial do produto.

Com relação ao mercado internacional, o Brasil é o segundo maior importador mundial de alho, conforme a FAO/2013. As importações de janeiro a dezembro de 2017 foram de 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016.

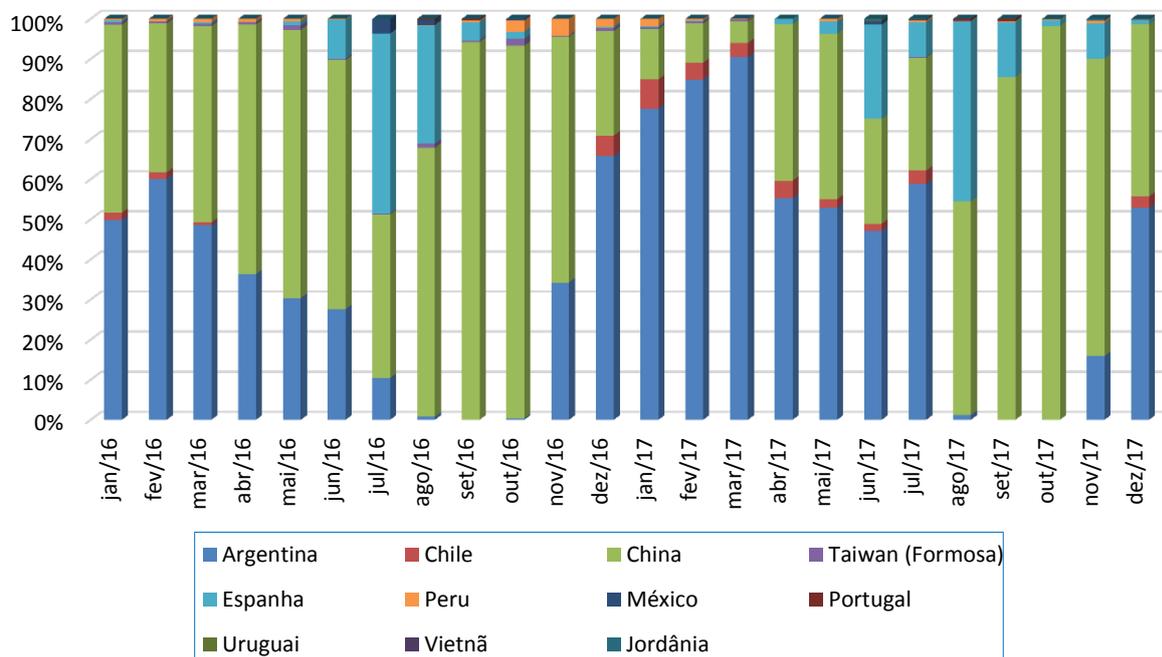
No período comparado houve redução de 13,77 mil toneladas de alho, praticamente meia safra catarinense. Conforme pode ser visto no gráfico 01, no mês de dezembro/2017 houve uma recuperação no volume internalizado em relação aos meses anteriores, ultrapassando as 20 mil toneladas.

O preço médio por kg de alho internalizado no mês de dezembro/17 foi de US\$ 1,38/kg, preço um pouco acima do praticado em novembro/17, que fora de US\$ 1,27/kg, contra US\$ 1,53 praticado em dezembro de 2016.

A internalização do alho importado, cujo volume foi de 20,12 mil toneladas no mês de dezembro/17, teve um custo total registrado de US\$ 27,85 milhões.



No gráfico a seguir apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de dezembro/17, o principal fornecedor foi a Argentina, com 10,6 mil toneladas, perfazendo 52,68 % do total do alho importado, seguido da China com 8,64 mil toneladas, atingindo 42,94 %. O restante do produto importado veio da Jordânia e Chile.



Fonte: Aliceweb/MDIC: janeiro/2018.

Participação mensal dos países fornecedores de alho ao Brasil - 2016 e 2017

Ainda em relação às importações, observa-se que, a partir do mês de agosto até dezembro de 2017, as importações superaram os volumes do mesmo período do ano anterior, questão que deve chamar atenção do setor pelas condições do mercado à produção brasileira.

No tocante ao valor total das importações em 2016, a internalização das 172,97 mil toneladas do alho foi de US\$ de 328,51 milhões, contra US\$ 287,52 milhões das 159,2 toneladas em 2017.

O valor médio registrado por quilo do alho importado caiu de US\$ 1,90/kg em 2016 para US\$ 1,81/kg no ano de 2017, fechando o ano em 4,76 % inferior em comparação com o ano anterior. Esse quadro mostra uma tendência clara de que o mercado sinaliza que a comercialização do produto terá maior oferta e preços menores no mercado brasileiro.

Importações de alho pelo Brasil- 2016 e 2017 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20

Fonte: Aliceweb/MDIC: janeiro/2018.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Inicia comercialização da safra catarinense

Tradicional na produção de cebola, Santa Catarina mantém-se como o maior produtor nacional, com área plantada, nessa safra, superior a 21 mil (Epagri/Cepa/2017).

A safra 2017/18 da cebola catarinense está na fase final de da colheita, atingindo aproximadamente 90% da área colhida na região de Ituporanga e Rio do Sul, devendo ser concluída até o final do mês. Na região de Lebon Regis, a colheita deve adentrar o mês de fevereiro, em função do uso de materiais de ciclo longo.

Nos demais estados sulistas, a safra também encontra-se em final de colheita.

Em termos de mercado nacional, o preço da hortaliça teve algumas melhorias nas últimas semanas, devido redução de oferta do nordeste, que praticamente finalizou a comercialização. De qualquer forma, ainda podemos considerar que estamos no início do processo de comercialização da safra.

A safra do Sul do Brasil deve ser comercializada até os meses de abril/ maio ou pouco além disso, apontando até para algumas melhorias de preços aos produtores

Neste Boletim vamos resgatar alguns fatos importantes do ano de 2017 que impactaram resultados e despertaram expectativas em relação ao futuro da cadeia produtiva da cebola, especialmente para os agricultores familiares de Santa Catarina.

O primeiro fato marcante de 2017 e que a safra 2016/17 resultou uma das maiores da história no estado, com mais de 630 mil toneladas produzidas. Por outro lado, os grandes volumes produzidos em todas as regiões tradicionais ceboleiras do Brasil, contribuíram para que os produtores tenham recebido preços abaixo do custo de produção ao longo do período da comercialização. O ano de 2017 iniciou com importantes mobilizações políticas de produtores, sindicatos, políticos e lideranças do setor.

Ações importantes foram realizadas para buscar renegociações de financiamentos e adiamento de compromissos financeiros de modo a aliviar a situação de alguma forma. Dentre as reivindicações apresentadas, as principais foram: prorrogação de vencimentos de custeio e investimentos sem comprometer a tomada de recursos para alavancar a safra 2017/18, elevar o teto do limite de subvenção do PGPAF (Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar), taxaÇÃO das importações de cebola oriunda de países fora do Mercosul.

Em relação ao processo produtivo, o ano de 2017 apresentou falta de chuvas durante o período crítico de desenvolvimentoda cultura, especialmente nos meses de agosto a outubro. A falta de chuvas nas principais regiões produtores catarinenses da hortaliça forçaram os produtores ao uso mais intenso da irrigação. Esse fato contribuiu para a elavação dos custos de produção de forma geral. Também como reflexo da crise hídrica, a produção de cebola no estado teve queda, ainda não mensurada de forma mais completa, mas que se estima acima de 20% da produção prevista inicialmente.

Embora do ponto de vista fitossanitário as lavouras tenham se desenvolvido satisfatoriamente, o tamanho dos bulbos em geral é menor, havendo presença maior de cebolas classe 2, podendo trazer reflexos nos preços ao produtor, a depender da dinâmica de mercado nos próximos meses.

Outro aspecto que marcou o ano de 2017, este positivamente, foi a implantação da LETEC, conforme resolução de 05/12/17 da Camex/MDIC. Esta conquista foi a grande e surpreendente novidade do ano para a cadeia produtiva. Reinvidicação antiga das organizações dos produtores, foi transformada concretamente em proteção a produção nacional de cebola. A expectativa é que nos próximos três anos a cadeia produtiva da cebola como um todo alcance os patamares de desenvolvimento técnico-produtivos definidos, atingindo índices de produção e produtividade que tornem a cadeia produtiva mais competitiva e possa enfrentar de igual para igual as diferentes conjunturas de mercado.

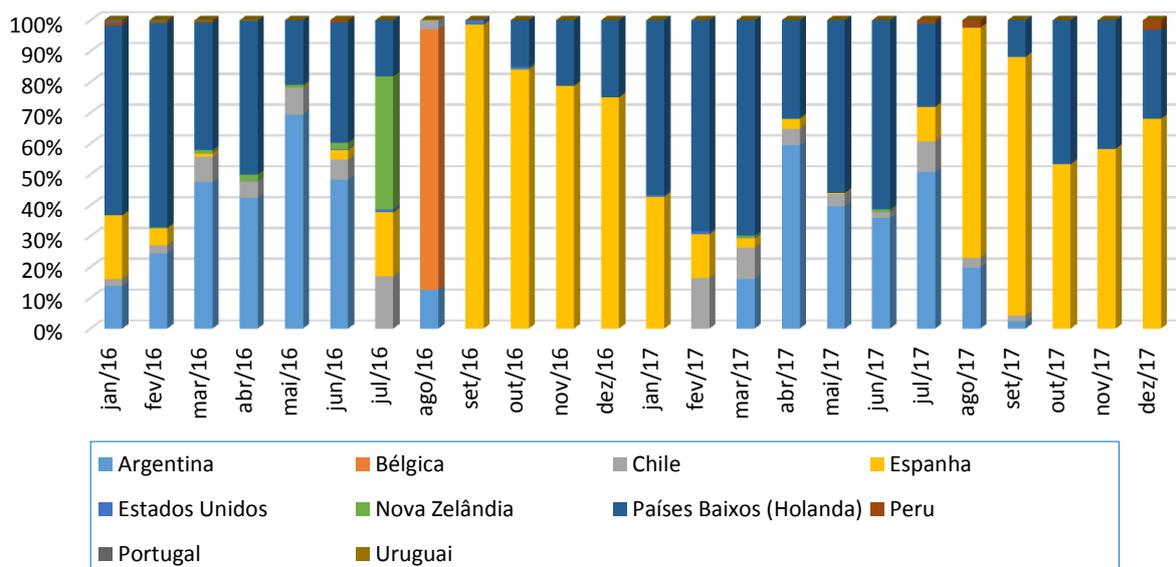
A taxação das importações de cebola oriundas de países não pertencentes ao Mercosul foi fixada em 25% para o ano de 2018, 20% para o ano de 2019 e 15% para o ano de 2020.

Em relação ao preço pago aos produtores nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, centro da produção da cebola catarinense, o mesmo tem girado na última semana em torno de R\$ 20,00 a saca de 20 Kg. A expectativa é de alguma melhora nas próximas semanas, indicando tendência de um processo de comercialização da safra catarinense positivo, com margem de rentabilidade positiva aos produtores. Nesse sentido, a safra catarinense já atingiu 30% de seu volume comercializado, conforme informações de campo.

Quanto ao mercado nacional, com o fechamento da comercialização da safra do nordeste o abastecimento se intensifica com a presença da produção sulista, cuja comercialização se estenderá pelo menos até os meses de abril e maio/18.

Na Ceagesp, maior central nacional de abastecimento, a hortaliça (bulbo médio) na primeira semana de janeiro foi comercializada a R\$ 1,57/Kg no dia 02 e atingindo R\$ 1,67/Kg no dia 08, voltando aos patamares de novembro de 2017, e com aumento pouco superior a 14% entre dezembro e a primeira semana de janeiro/18.

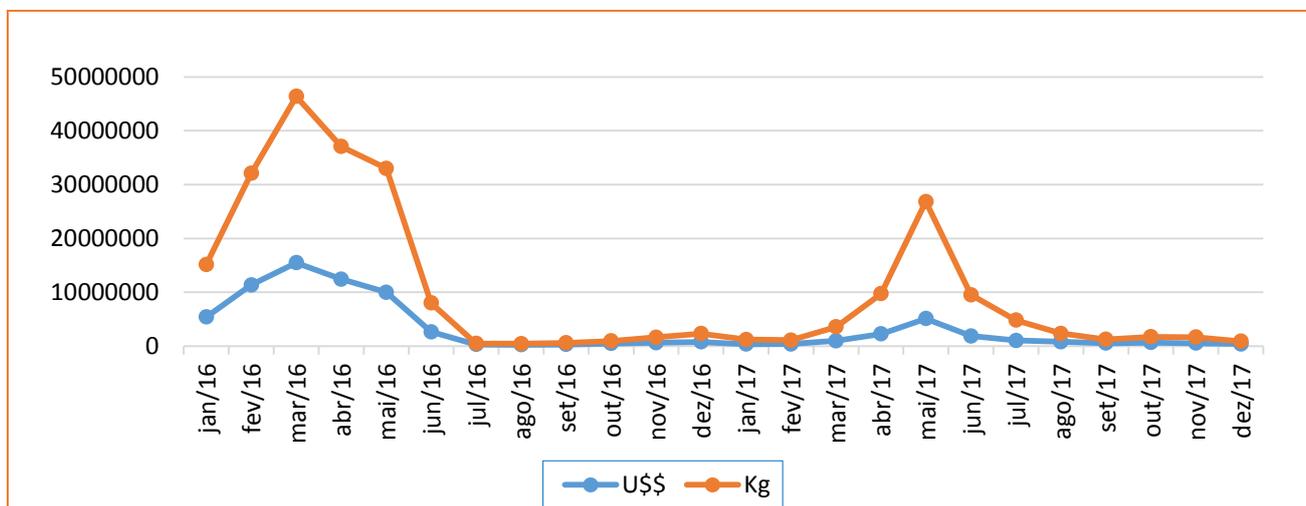
No tocante a entrada de cebola no Brasil, a importação no mês de dezembro foi comandada pela entrada de cebola espanhola e holandesa, como pode ser visto no gráfico abaixo, cujo volume foi de apenas 906,4 toneladas e dispêndio de US\$ 0,391 milhão para o país.



Fonte: Aliceweb/MDIC: janeiro/2018.

Participação dos países(%) no fornecimento de cebola ao Brasil mês a mês 2016 e 2017

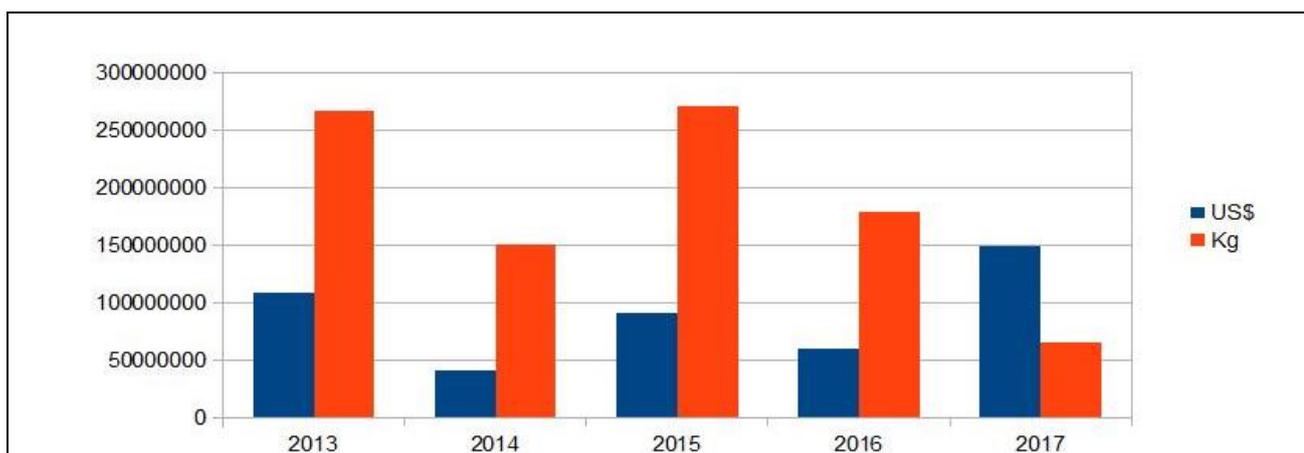
Os números totais das importações de cebola pelo Brasil no ano de 2017 foram de 64,698 mil toneladas, com um custo de US\$ 14,959 milhões. Comparativamente ao ano de 2016, quando o Brasil importou 178,078 mil toneladas, com dispêndio de US\$ 60,036 milhões, houve queda de 63,67% no volume e 75,08% em valores. Uma significativa redução que favoreceu a cadeia produtiva nacional do bulbo.



Fonte: Aliceweb/MDIC: janeiro/2018.

Importação mensal de cebola pelo Brasil - 2016 e 2017

A seguir, apresentamos um quadro das importações de cebola pelo Brasil de 2013 a 2017. Nota-se que no período houve redução significativa de entrada da hortaliça no mercado brasileiro, fruto, a princípio, da super safra colhida no Brasil. A expectativa é de que essa menor internalização de cebola no Brasil seja mantida em função da entrada em vigor da taxa de importações, conforme citamos acima.



Fonte: ALICEWEB/MDIC-janeiro 2018.

Importação de Cebola pelo Brasil - 2013/17

Pecuária

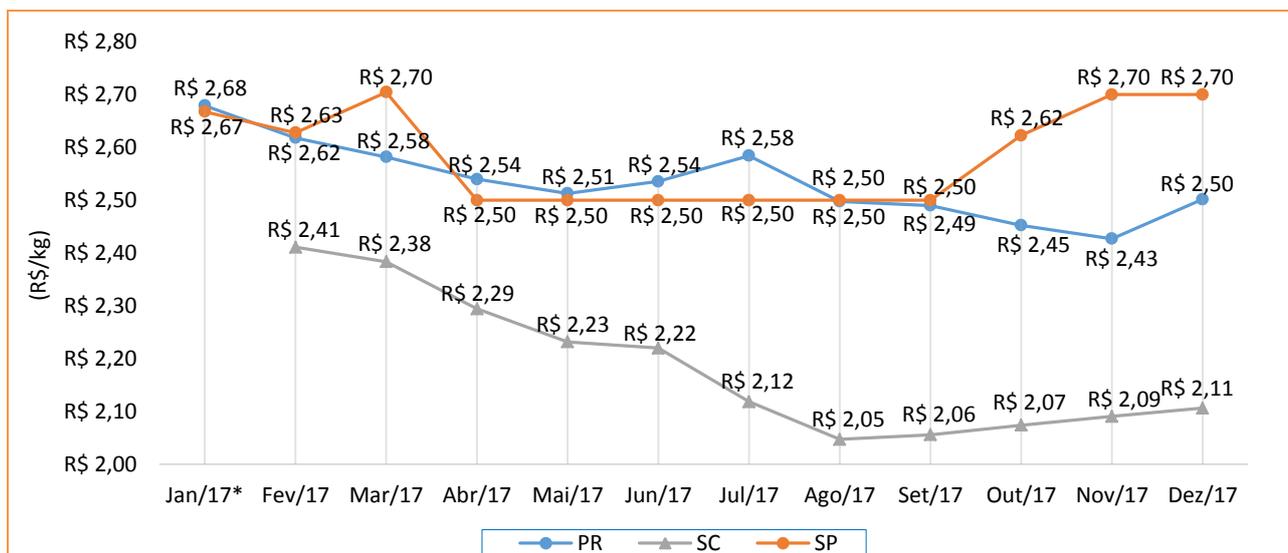
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Após a “crise do milho” em 2016, havia forte expectativa de que 2017 fosse um ano de recuperação para o setor avícola. As constantes quedas no preço do milho já no final de 2016 e a relativa estabilidade nos preços do frango vivo sinalizavam para a possibilidade de recuperação das margens perdidas no período anterior. Além disso, algumas das principais entidades representativas do setor estimavam aumento de 3% na produção de carne de frango e de 3% a 5% nas exportações.

Contudo, a deflagração de uma operação da Polícia Federal no dia 17 de março conturbou esse cenário essencialmente otimista. A “Operação Carne Fraca” teve como objetivo desmontar supostos esquemas de corrupção envolvendo empresários do setor de carnes, funcionários de frigoríficos e servidores do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Foram expedidas dezenas de mandados de prisão e condução coercitiva. As ações da operação atingiram de formas distintas 21 empresas, entre as quais 3 tiveram unidades industriais interditas. Diversos países suspenderam provisoriamente as importações de carnes brasileiras ou tornaram mais rigorosa a fiscalização dos produtos oriundos do Brasil.

Embora a quase totalidade dos países tenham posteriormente suspenso os embargos, o impacto inicial foi significativo para o setor, o que pode ser percebido pelo comportamento dos preços, por exemplo. O gráfico abaixo apresenta a evolução dos preços do frango vivo em três importantes estados produtores (Paraná, Santa Catarina e São Paulo). Em todos eles registrou-se quedas depois de março, embora com graus distintos.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

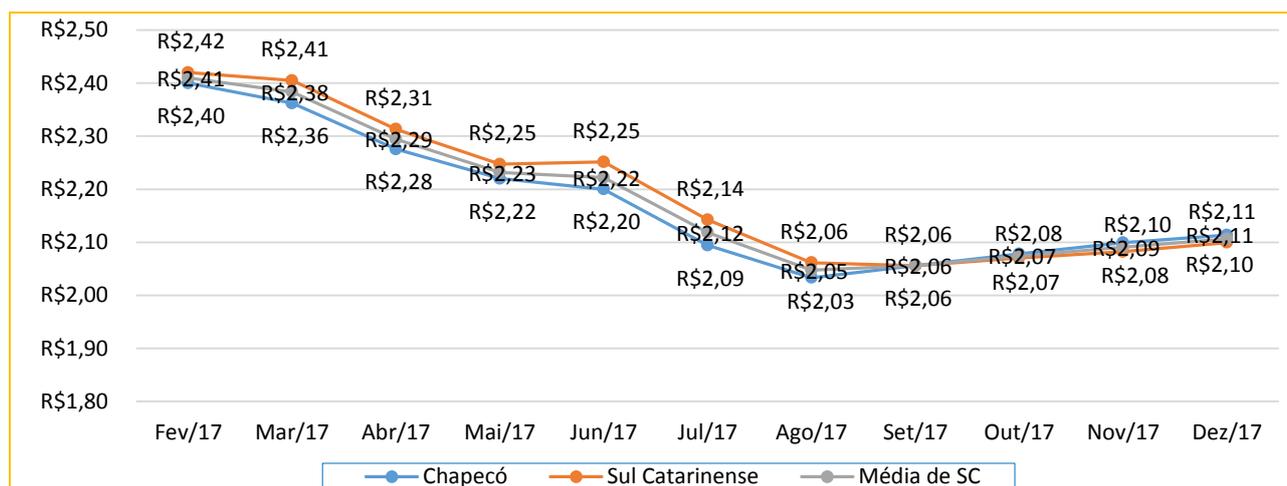
Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017

Em São Paulo, após a variação inicial, o preço manteve-se inalterado durante os seis meses seguintes, voltando a reagir apenas no último trimestre. Em novembro o preço atingiu o mesmo patamar de março, quando da deflagração da Operação Carne Fraca. Em relação a janeiro de 2017, o preço de dezembro apresentava uma leve vantagem de 1,21%.

Já no Paraná, os preços mostraram-se mais instáveis, com diversas variações ao longo do ano. Após o segundo período de queda do ano, 2017 encerrou-se com um movimento de alta naquele estado, como evidencia o gráfico. Ainda assim, o preço de dezembro está 6,61% abaixo do praticado em janeiro do ano passado.

Santa Catarina, por sua vez, registrou as variações mais significativas, com quedas contínuas até agosto. A partir de setembro é possível perceber um movimento de recuperação dos preços, embora bastante gradual. Apesar dessa recuperação, o preço médio estadual de dezembro encontra-se 12,64% defasado em relação a fevereiro de 2017 (não há valores disponíveis para o mês de janeiro).

As duas praças de coleta de preços do frango vivo em Santa Catarina apresentaram praticamente o mesmo padrão de variação, embora a recuperação tenha sido levemente superior em Chapecó. Em relação a fevereiro, o preço médio mensal de dezembro encontra-se significativamente defasado nas duas praças: -11,94% em Chapecó e -13,25% no Sul Catarinense.

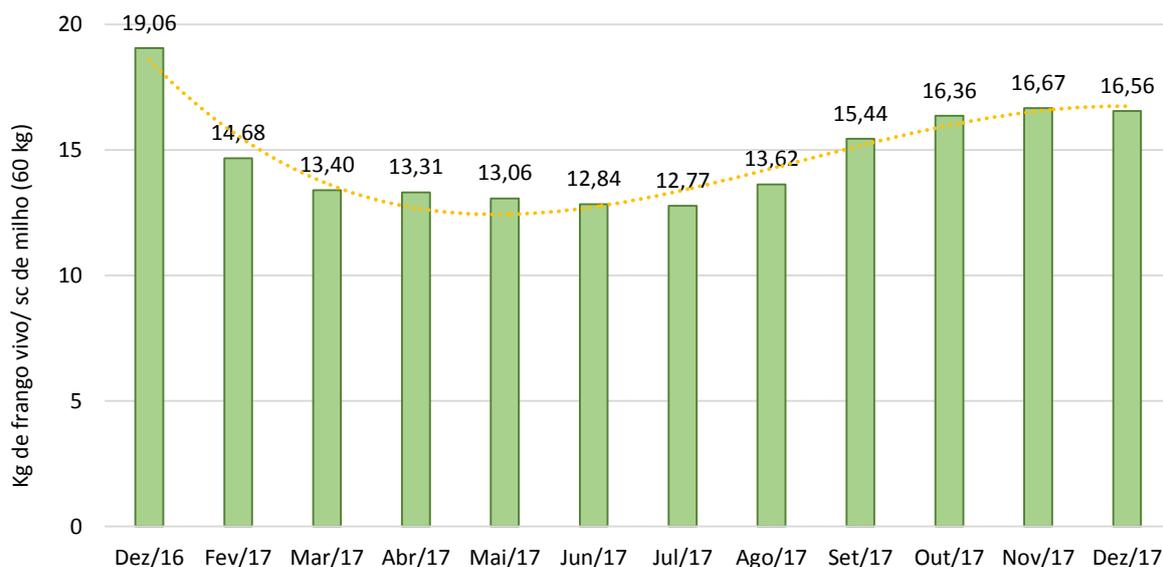


(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – fev. a dez./2017

Em relação à equivalência insumo/produto é possível perceber dois momentos bastante distintos: movimento de queda ao longo do primeiro semestre e de alta durante o segundo. O primeiro movimento está relacionado principalmente com a redução do preço do milho e só não foi maior porque no mesmo período o preço do frango vivo também apresentou baixa. Já a alta do segundo semestre está associada ao aumento no preço do milho, tendo sido limitada pela leve recuperação no preço do frango nesse período.



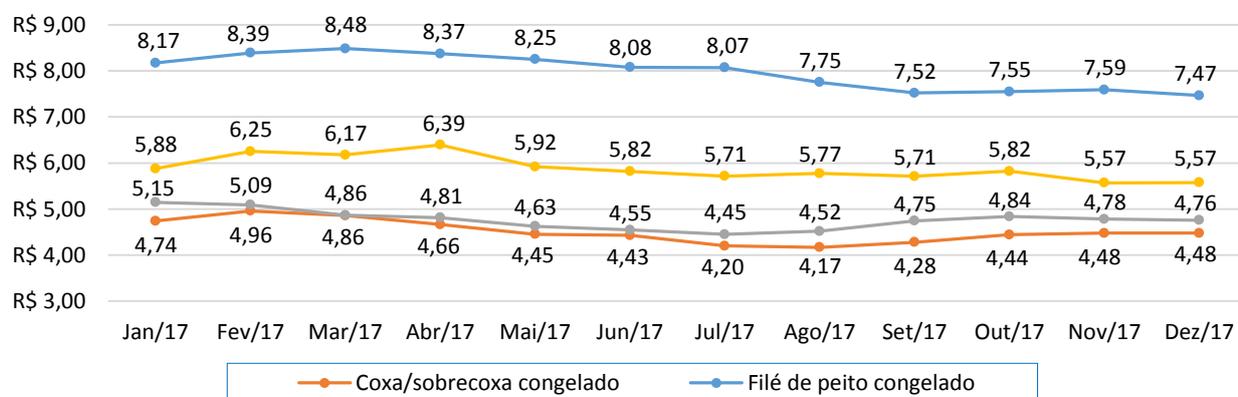
Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

Assim como ocorreu com os preços ao produtor, o mercado atacadista também foi afetado pelas dificuldades vivenciadas pelo setor avícola durante o ano de 2017. Com o aumento da disponibilidade de carne no mercado interno em função dos embargos nas exportações nos primeiros dois meses após a deflagração da Operação Carne Fraca, houve uma pressão de baixa nos preços da carne. Aliado a isso, num primeiro momento a referida operação também gerou uma crise de credibilidade dos produtos brasileiros, o que pode ter afetado a demanda interna.

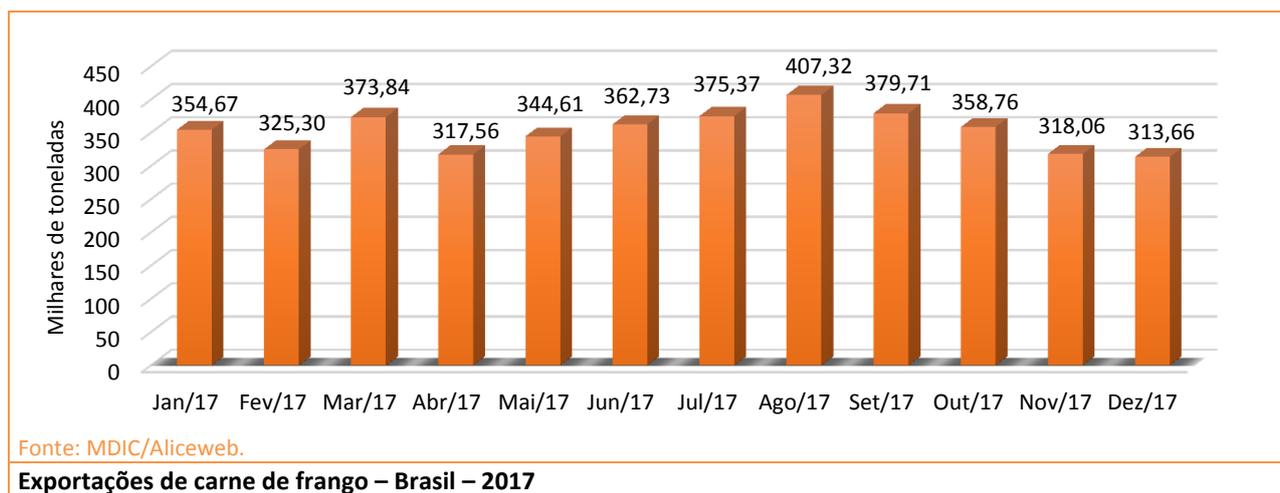
Os quatro cortes cujo preço de atacado é acompanhado pela Epagri/Cepa sofreram redução de preço entre janeiro e dezembro: -5,13% para o peito com osso congelado, -5,52% para a coxa/sobrecoxa congelada, -7,58% para o frango inteiro congelado e -8,66% para o filé de peito congelado.



Fonte: Epagri/Cepa.

Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017

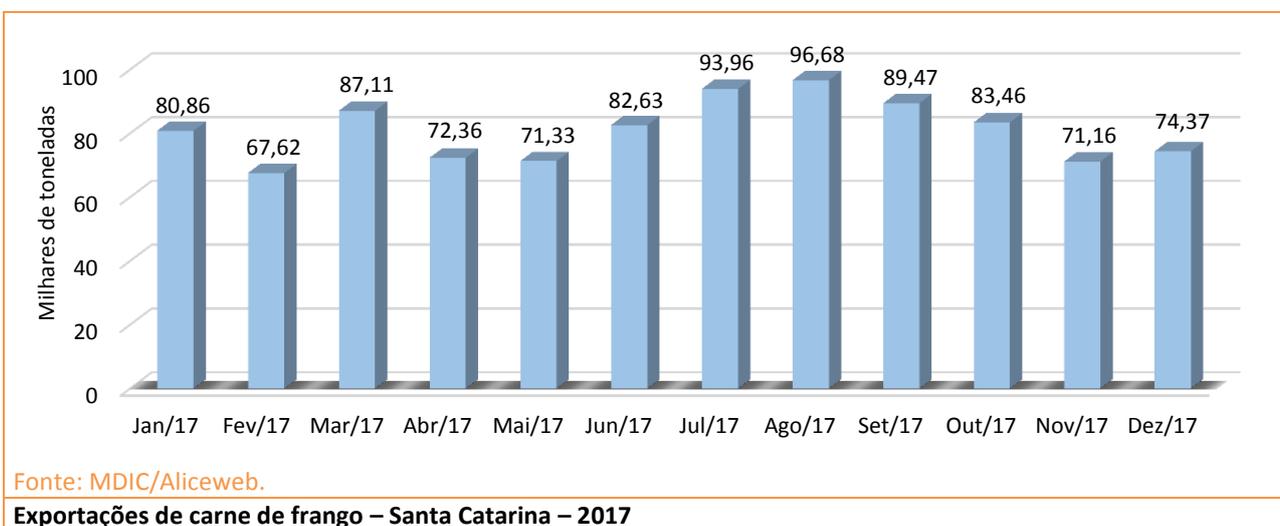
Apesar das expectativas positivas no início do ano, as exportações brasileiras de carne de frango tiveram um desempenho aquém do esperado, tendo sido afetadas pela Operação Carne Fraca, em especial nos primeiros meses após a deflagração da mesma, bem como outros problemas ocorridos ao longo de 2017. Como demonstra o gráfico abaixo, após uma queda significativa em abril, a partir de maio verificou-se novamente crescimento nas quantidades embarcadas, movimento que perdurou até agosto. O último quadrimestre do ano foi marcado por novas quedas, registrando-se em dezembro o menor volume mensal de 2017.



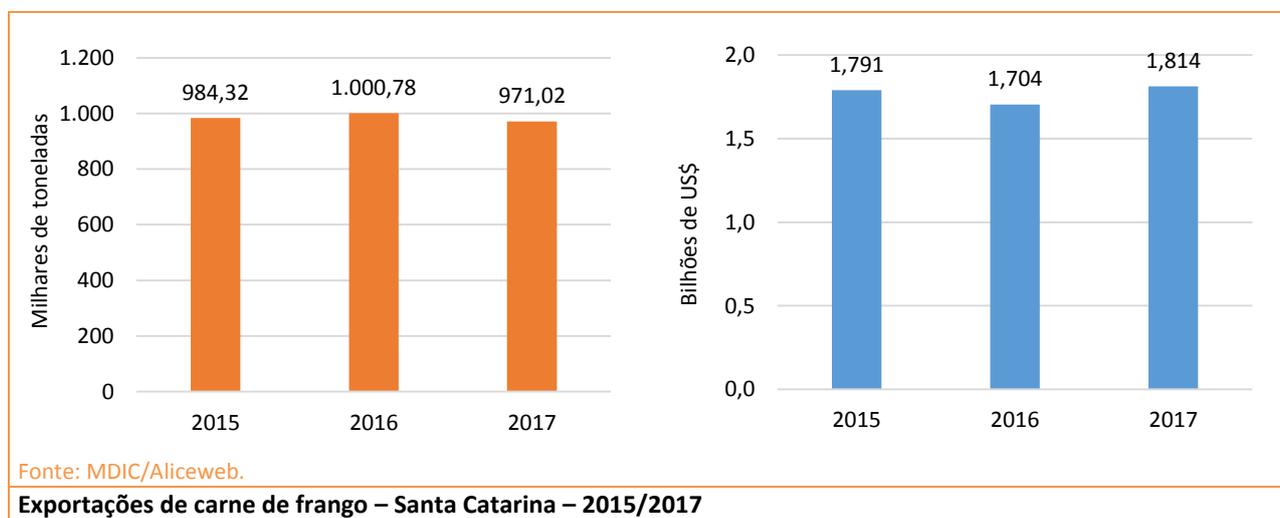
Em 2017 o Brasil exportou **4,23 milhões de toneladas** de carne de frango, queda de 1,75% em relação ao ano anterior. Contudo, as receitas apresentaram resultados positivos: **US\$7,13 bilhões** (incremento de 5,54% em relação a 2016).

Os principais destinos externos da carne de frango brasileira no ano passado foram Arábia Saudita, Japão e China, que juntos responderam por 37,71% das receitas do país com esse produto.

Os embarques de carne de frango de Santa Catarina registraram comportamento semelhante ao observado nacionalmente, com queda logo após a Operação Carne Fraca, posterior recuperação e nova queda no último quadrimestre.



No total, em 2017 foram exportadas **971,02 mil toneladas**, redução de 2,97% em relação ao ano anterior. Por outro lado, em termos de receitas os resultados foram positivos: **US\$1,81 bilhões**, aumento de 6,42%.



Os cinco principais destinos da carne catarinense exportada em 2017 foram Japão, China, Países Baixos, Arábia Saudita e Reino Unido, responsáveis por 50,06% do valor das exportações do Estado.

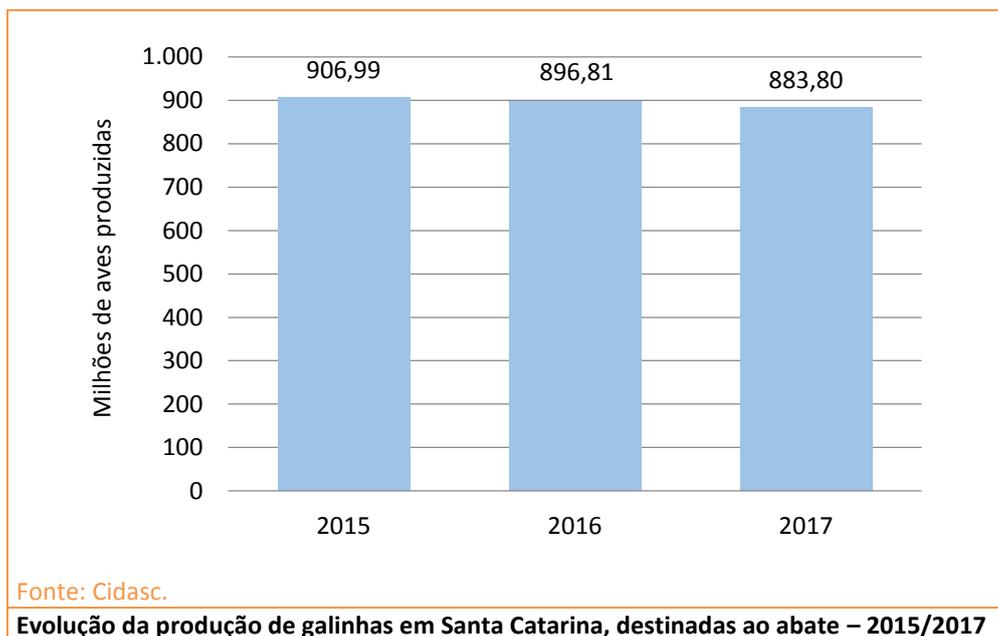
Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Arábia Saudita	1.006.845.739,00	589.575
Japão	922.969.885,00	445.373
China	760.571.946,00	391.037
Emirados Árabes Unidos	516.998.519,00	300.200
Hong Kong	393.418.618,00	250.145
Demais países	3.533.981.136,00	2.255.259
Total	7.134.785.843,00	4.231.589

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Produção catarinense em 2017

Conforme os dados preliminares da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2017 foram produzidas no Estado e destinadas ao abate um total de **883,30** milhões de galinhas. Esse total inclui todas as categorias de galináceos que foram destinadas ao abate em estabelecimentos inspecionados (seja em Santa Catarina, seja em outros estados) no período em questão, desde aquelas cuja finalidade principal é o abate (frango de corte), até aquelas que têm outras finalidades intermediárias e ao término de seu período produtivo são encaminhadas a abatedouros.

Esse montante representa uma queda de 1,45% em relação ao total de aves produzidas no ano anterior. Esse foi o terceiro ano consecutivo de queda na produção estadual de frangos.



Nas próximas edições do Boletim Agropecuário os números supramencionados serão apresentados e discutidos de forma mais detalhada.

Expectativas para 2018

De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), em 2018 a produção brasileira de carne de frango pode crescer 3,34%, na comparação com o ano anterior. A instituição também prevê aumento na demanda por carne de frango, embora menos intensa – entre 1,32% e 1,57%, a depender do ritmo de recuperação da economia. Isso indica que o país deverá ter um excedente adicional de carne de frango neste ano, ficando mais uma vez dependente das exportações para garantir o enxugamento do mercado.

Conforme nota da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), em 2018 as exportações de carne de frango devem crescer entre 1% e 3% em volume, com recuperação dos níveis de embarques para a União Europeia, de mercados do Oriente Médio e da China. A ABPA espera ainda que a habilitação de novas plantas frigoríficas para exportação à China influencie positivamente o desempenho dos embarques do setor no ano, assim como a concretização de acordo entre Mercosul e União Européia e as aberturas do mercado de Taiwan, El Salvador e República Dominicana.

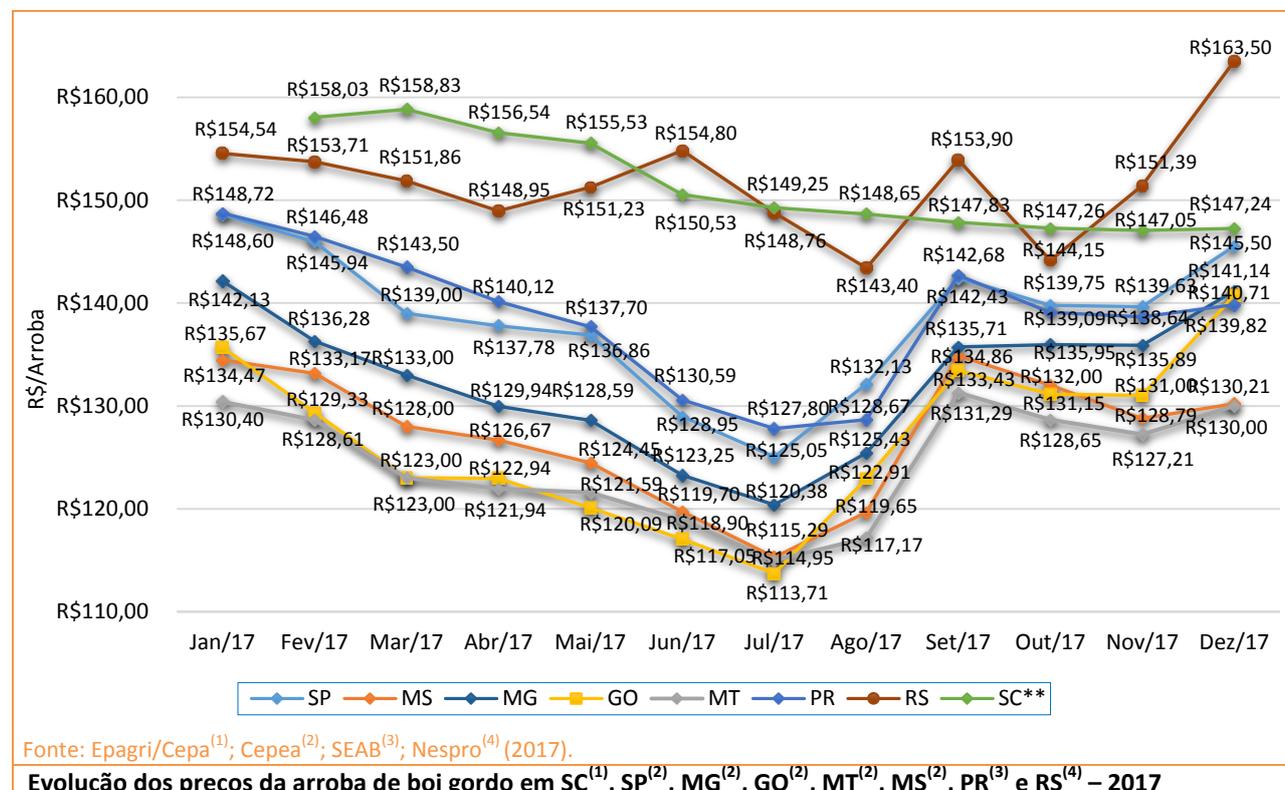
Além das exportações, outra preocupação apontada pelo Cepea para o setor em 2018 é o possível aumento no preço do milho, consequentemente elevando os custos de produção, já que o milho é o principal componente da ração para frangos. A expectativa de elevação nos preços do milho tem como base o atraso na colheita da soja, o que pode retardar o plantio do milho safrinha e, com isso, provocar queda na produção desse grão.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Desde 2015 o mercado do boi gordo vem sofrendo as consequências do período de crise econômica que o país atravessa. Não bastassem tais dificuldades, a deflagração da Operação Carne Fraca em março de 2017 trouxe ainda mais problemas para essa cadeia produtiva, exercendo pressão extra sobre os preços. O resultado foi a continuidade do movimento de queda que já vinha sendo registrado no ano anterior. Isso perdurou até o início do segundo semestre, quando começou a se observar reações nos preços dos bovinos nas principais regiões produtoras do país. Contudo, esse movimento foi interrompido em outubro e novembro, quando mais uma vez foram registradas quedas. Em dezembro, uma nova variação fez com que o ano de 2017 terminasse com movimento de alta, principalmente em função do aumento no consumo que ocorre nesse período.

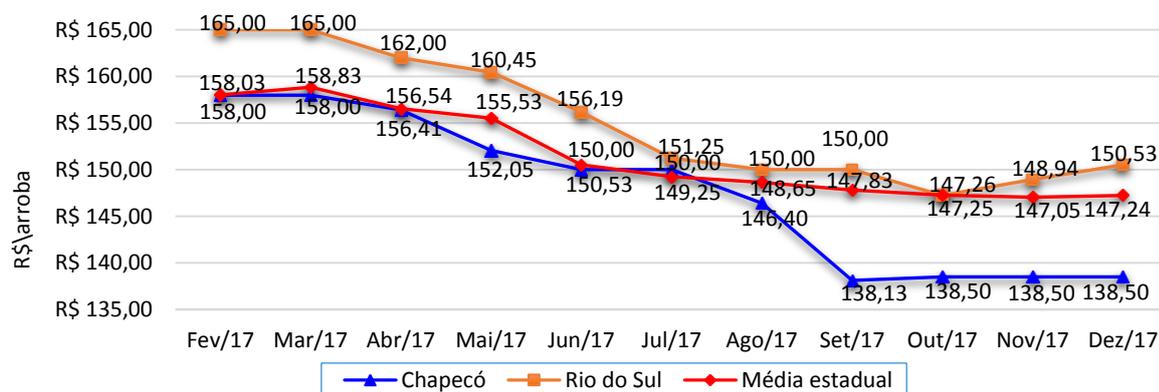
Levando-se em conta todas essas oscilações, a maioria dos estados considerados no presente boletim apresentaram defasagens nos preços nominais de dezembro em relação àqueles praticados em janeiro de 2017. A maior queda foi registrada em Santa Catarina, com -6,82% (nesse caso foi feita a comparação com o preço médio estadual de fevereiro, já que o valor de janeiro não está disponível). Na sequência encontram-se Paraná (-5,99%), Mato Grosso do Sul (-3,16%), São Paulo (-2,09%), Minas Gerais (-0,70%) e Mato Grosso (-0,31%). Os dois estados que apresentaram variações positivas foram o Rio Grande do Sul (5,80%) e Goiás (3,72%). Vale destacar que a inflação acumulada ao longo de 2017 foi de 2,95% (IPCA/IBGE).



Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), a demanda tradicionalmente mais aquecida no fim do ano e a redução na oferta de animais prontos para o abate foram os principais fatores que ocasionaram a elevação nos preços do boi gordo em dezembro.

Em Santa Catarina, onde os preços se mantiveram estáveis nos anos anteriores, em 2017 foram registradas quedas significativas na maioria dos locais de coleta, principalmente nas duas praças de referência (Chapecó e Rio do Sul). Esse movimento começou em abril e se estendeu pelos meses seguintes, só sendo interrompido no último trimestre do ano.

Com isso, em relação a fevereiro de 2017, o preço médio mensal de dezembro apresenta defasagens significativas nas duas praças: -12,34% em Chapecó e -8,77% em Rio do Sul. Na média estadual (elaborada a partir dos preços de 8 praças de coleta) a diferença entre os dois períodos é um pouco menor: -5,56%.

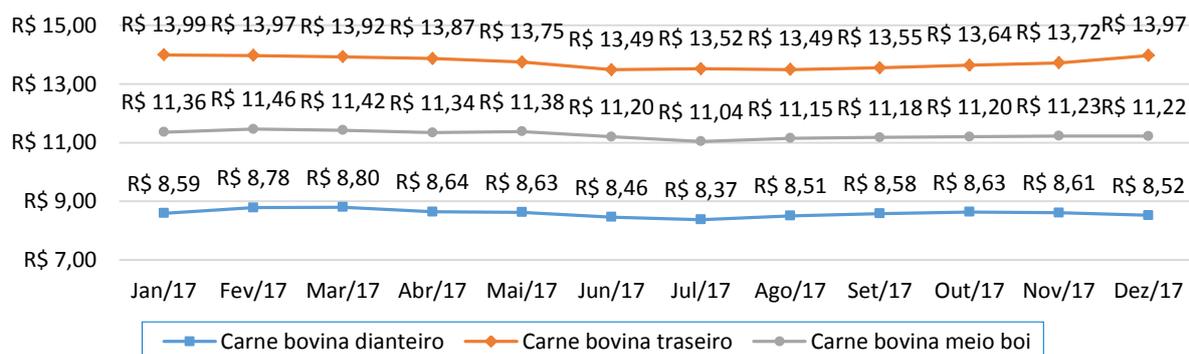


⁽¹⁾ Para pagamento em 20 dias.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2017

Os preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina mantiveram-se relativamente estáveis ao longo de todo o ano de 2017, de acordo com os dados divulgados pela Epagri/Cepa. Embora tenham ocorrido algumas variações, estas foram bem menos significativas do que aquelas observadas no preço pago ao produtor pelo boi gordo. A carne de traseiro, por exemplo, registrou queda de 0,15% na comparação entre dezembro e janeiro de 2017. Já a carne de dianteiro variou -0,81% no mesmo período. A maior variação ocorreu na carne do meio boi, com diferença de -1,21%. Ao analisar o gráfico seguinte, percebe-se que durante o primeiro semestre predominou um movimento de queda nos preços, atingindo-se os menores patamares nos meses de junho e julho. Já o segundo semestre foi caracterizado por tendência de alta, finalizando-se 2017 com preços muito semelhantes aos do início do ano.

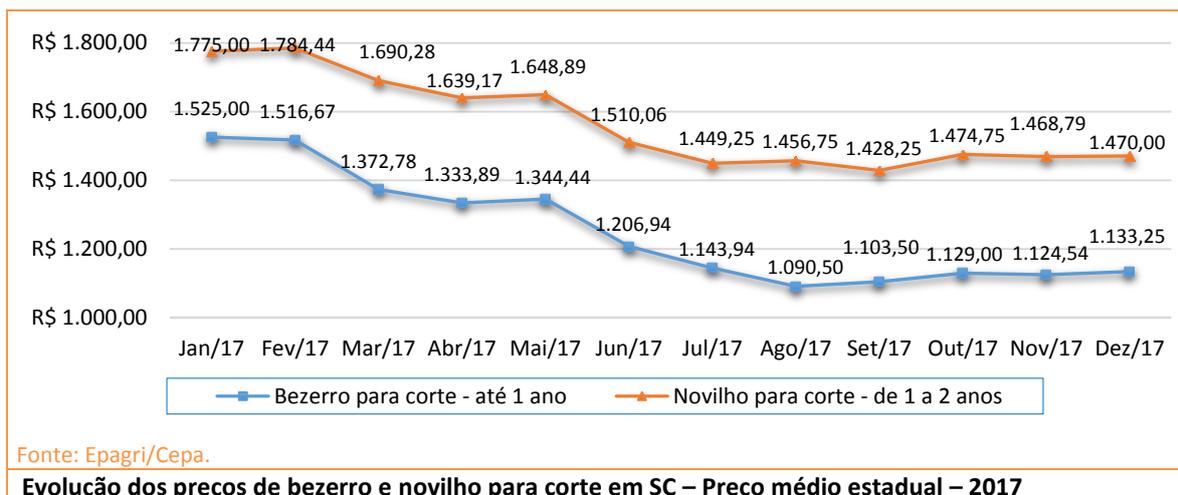


Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual da carne de dianteiro, traseiro e meio boi em Santa Catarina – 2017

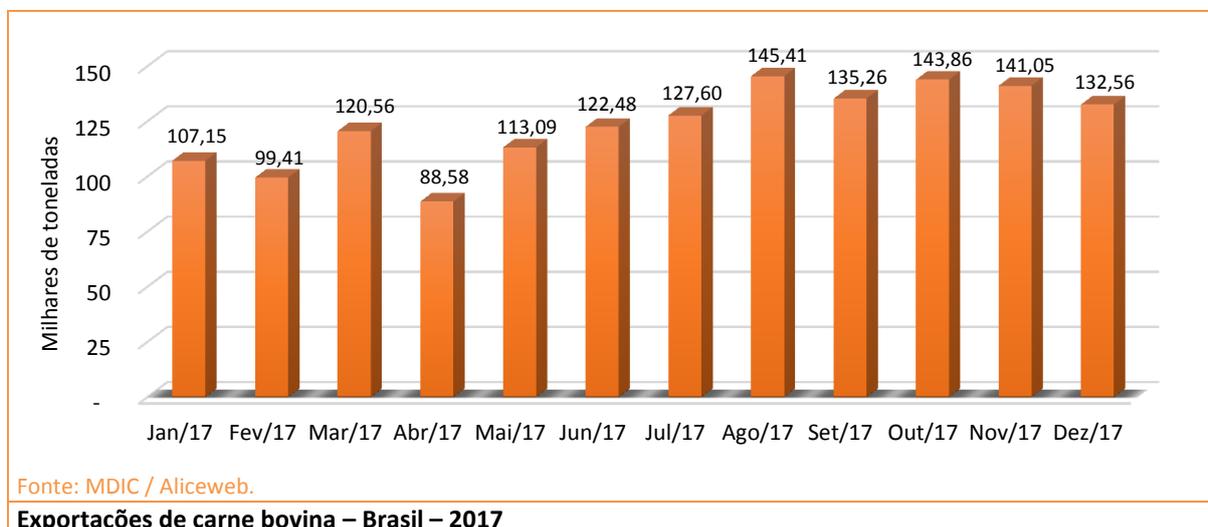
O mercado dos animais de reposição caracterizou-se por fortes quedas durante o primeiro semestre e relativa estabilidade no decorrer do segundo. Esse comportamento é semelhante ao que se observou nos preços do boi gordo, os quais influenciam diretamente a demanda por animais jovens.

Em relação a janeiro de 2017, os preços médios estaduais de dezembro apresentaram variações de -25,69% para o bezerro de até 1 ano e de -17,18% para o novilho de 1 a 2 anos. Parte dessa diferença, entretanto, decorre da incorporação de uma nova praça de coleta de preços (Lages) no cálculo da média a partir de junho. Contudo, mesmo excluindo-se Lages, as diferenças entre os dois períodos ainda são bastante significativas: -22,78% e -13,99% para bezerras e novilhos, respectivamente.



Apesar da Operação Carne Fraca, 2017 ficou marcado como um ano bastante positivo para os exportadores de carne bovina. Conforme demonstra o gráfico seguinte, as exportações brasileiras caíram significativamente em abril, mês subsequente à deflagração da operação, atingindo-se a menor quantidade mensal exportada no ano. Contudo, a partir de maio já se vislumbra um processo de recuperação que se manteve no restante do ano. Um dos principais responsáveis pela recuperação das vendas foi o mercado chinês, que continua ampliando sua participação nas exportações brasileiras de carne bovina.

Em 2017 o Brasil exportou 1,48 milhões de toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), resultado 9,50% acima do registrado no ano anterior. Esse crescimento ficou muito próximo da estimativa apresentada por entidades representativas do setor no início de 2017 (10%). As receitas também tiveram resultados bastante positivos: US\$6,07 bilhões, incremento de 13,69% em relação a 2016.



Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em 2017 foram Hong Kong, China, Irã, Egito e Rússia, que responderam por 63,63% das receitas geradas no período.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – 2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	1.356.614.558,00	356.179
China	929.203.936,00	211.363
Irã	559.718.099,00	133.193
Egito	528.868.347,00	153.661
Rússia	487.184.824,00	151.645
Demais países	2.207.674.242,00	470.947
Total	6.069.264.006,00	1.476.988

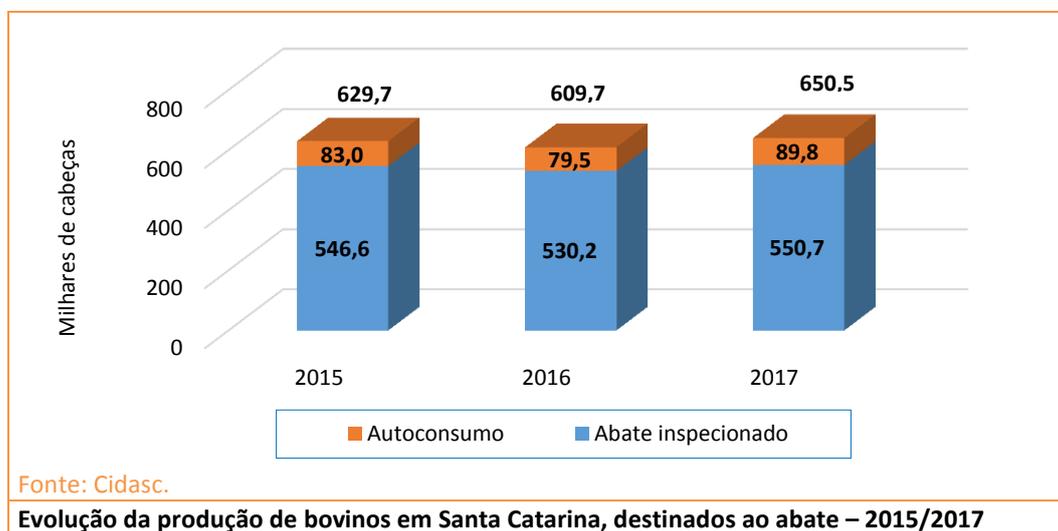
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Em novembro, a Rússia anunciou a suspensão temporária das importações de carne bovina e suína oriundas do Brasil, em decorrência da detecção da substância ractopamina em alguns carregamentos de carne. Na ocasião, diversos analistas afirmaram que esse embargo não afetaria de forma significativa os resultados do ano, já que os meses de novembro a fevereiro são caracterizados pela redução das importações da Rússia, em função do fechamento de alguns portos daquele país durante o inverno. De fato, como já destacado anteriormente, as exportações de carne bovina em 2017 tiveram resultados bastante favoráveis, tanto em quantidade quanto em valor. Contudo, a continuidade da suspensão por período maior pode impactar nas exportações de 2018.

Produção catarinense em 2017

Após registrar queda no ano anterior, a produção de bovinos em Santa Catarina voltou a crescer em 2017. Conforme apontam os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2017 foram produzidos em Santa Catarina e destinados ao abate **640,5 mil bovinos**, aumento de **5,06%**.

Deste total, 550,7 mil (85,98%) foram abatidos no âmbito dos sistemas de inspeção sanitária (municipal, estadual e federal), o que representa um aumento de 3,87% em relação ao ano anterior. Já os bovinos abatidos para autoconsumo (situação em que os animais são abatidos e consumidos nas propriedades rurais) representaram 14,01% dos abates de 2017, aumento de 12,96% na comparação com 2016.



Expectativas para 2018

Apesar das dificuldades enfrentadas em 2017 (Operação Carne Fraca, suspensão das exportações de carne *in natura* para os Estados Unidos, suspensão das exportações para a Rússia), o setor da carne bovina apresentou um desempenho razoável, em especial no que diz respeito às exportações. Nesse contexto, 2018 inicia-se com expectativas favoráveis no mercado internacional.

O Mapa tem sinalizado que acredita na reabertura do mercado estadunidense ainda no primeiro trimestre deste ano. Mais do que pela quantidade, as exportações para os Estados Unidos são um balizador para diversos outros países interessados nos produtos brasileiros, já que aquele mercado é conhecido por ser bastante criterioso. Em relação ao mercado russo, diversas fontes acreditam na retomada das exportações para aquele país nos próximos meses, medida considerada fundamental para garantir o adequado escoamento da produção brasileira.

Recentemente o Cepea divulgou nota em que relata perspectiva de crescimento de até 2,2% no consumo interno em 2018, a depender do resultado do PIB. Contudo, como aponta o próprio Cepea, essa projeção otimista pode ser afetada por fatores que hoje ainda estão incertos, o que requer cautela e ações de todos os agentes envolvidos nessa cadeia produtiva.

Não obstante a recomendação de cautela, a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) estima que as exportações de carne bovina devem crescer um pouco acima de 10% em 2018, mesmo valor que havia sido previsto para 2017. A projeção leva em consideração a retomada das compras de carne bovina *in natura* pelos Estados Unidos, o crescimento das exportações para a China, a melhora nas relações com a União Europeia e a entrada em novos mercados no Sudeste Asiático, informou a entidade em nota.

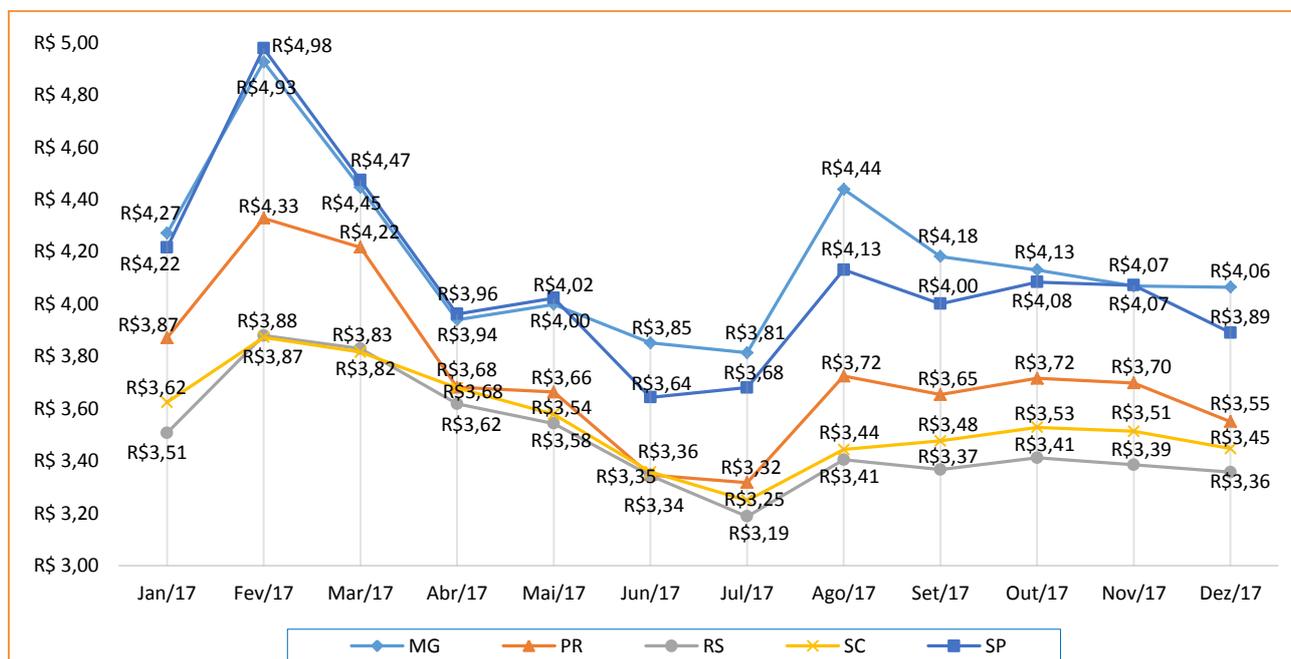
Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O ano de 2017 iniciou com expectativas positivas para a suinocultura: preços do milho em queda e tendência de alta para o suíno vivo. Contudo, a deflagração da Operação Carne Fraca em meados de março afetou o setor e ajudou a gerar um quadro de fragilidade nos preços que se estendeu ao longo do ano.

O gráfico a seguir apresenta a evolução nos preços pagos aos suinocultores durante 2017 em alguns dos principais estados produtores. É possível perceber que até fevereiro predominavam movimentos de alta em todos os estados analisados. A partir de março registra-se um cenário bastante desfavorável, com a rápida desvalorização do suíno vivo. Esse processo só é interrompido em agosto, quando verificam-se novamente altas. Apesar da relativa estabilidade registrada entre setembro e novembro (decorrente de um melhor ajuste entre oferta e demanda), o ano de 2017 encerrou-se com variações negativas em todos os estados.

Essa queda no último mês de 2017 provavelmente tem relação com a suspensão temporária das importações de carne suína e bovina brasileiras por parte da Rússia, em razão da detecção de ractopamina (substância utilizada para melhorar a conversão alimentar dos animais) em alguns carregamentos originários do Brasil. Vale destacar que a Rússia é o principal destino da carne suína exportada pelo Brasil.

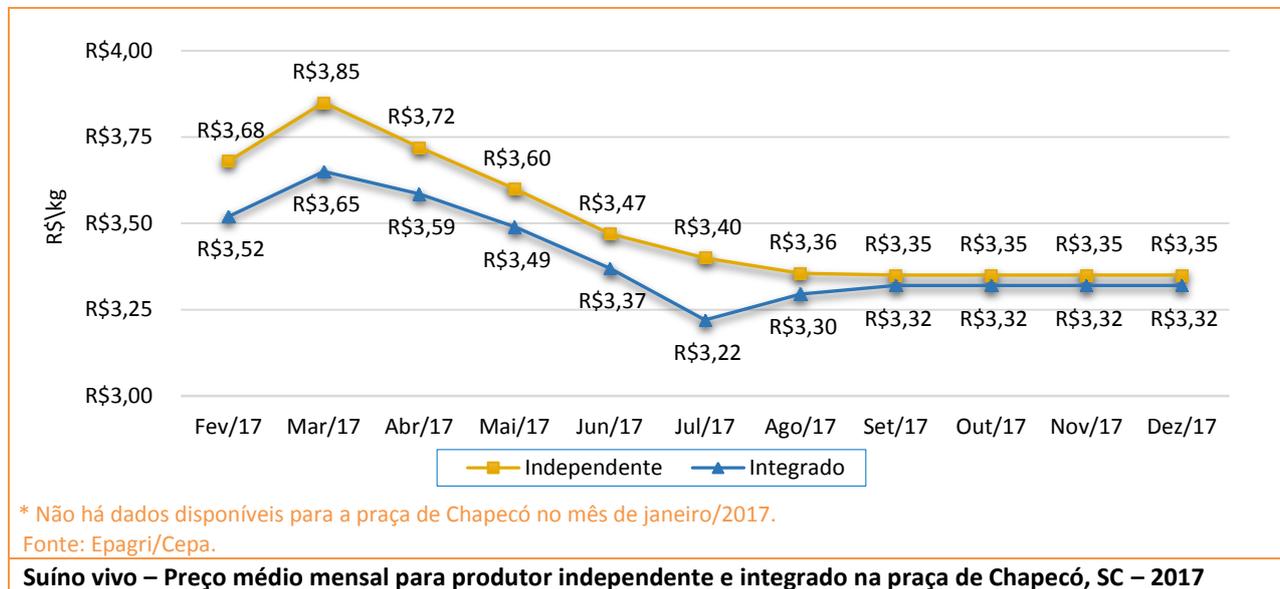


Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

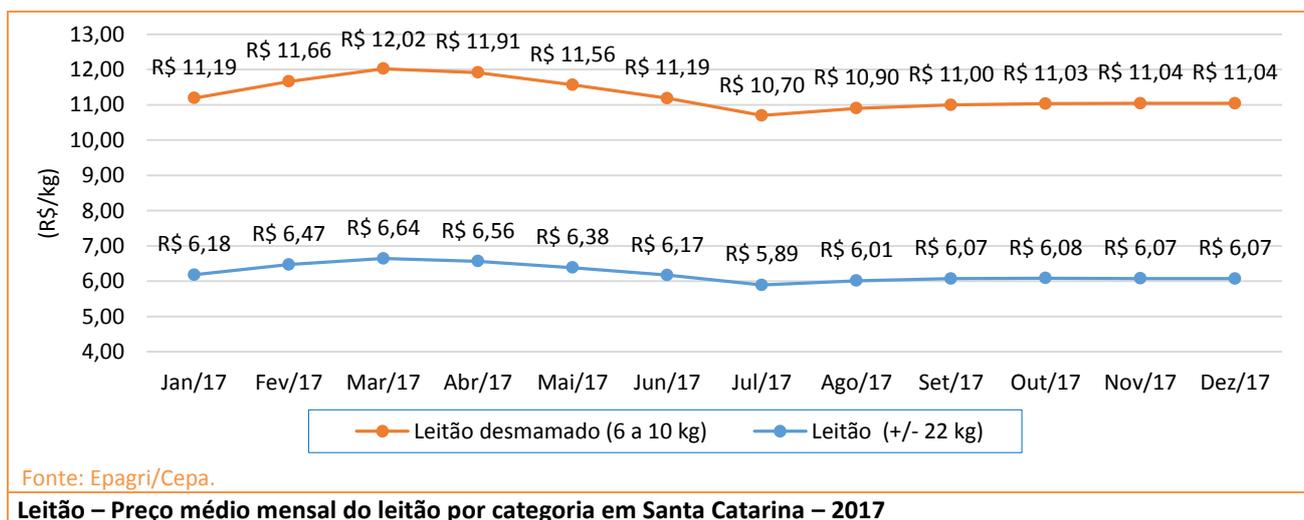
Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2017

Em relação a janeiro de 2017, os preços de dezembro apresentavam defasagem em todos os estados: -8,27% no Paraná, -7,71% em São Paulo, -4,87% em Santa Catarina, -4,84% em Minas Gerais e -4,27% no Rio Grande do Sul. Quando se faz a comparação com os preços de fevereiro, mês anterior à Operação Carne Fraca, as diferenças são ainda mais significativas: -21,83% em São Paulo, -17,96% no Paraná, -17,48% em Minas Gerais, -13,46% no Rio Grande do Sul e -10,97% em Santa Catarina.

Em Chapecó, praça de referência para o preço do suíno vivo em Santa Catarina, os preços também registraram quedas sucessivas a partir de abril, tanto para os produtores independentes quanto para os integrados às agroindústrias. A partir de setembro os dois preços se mantiveram inalterados.

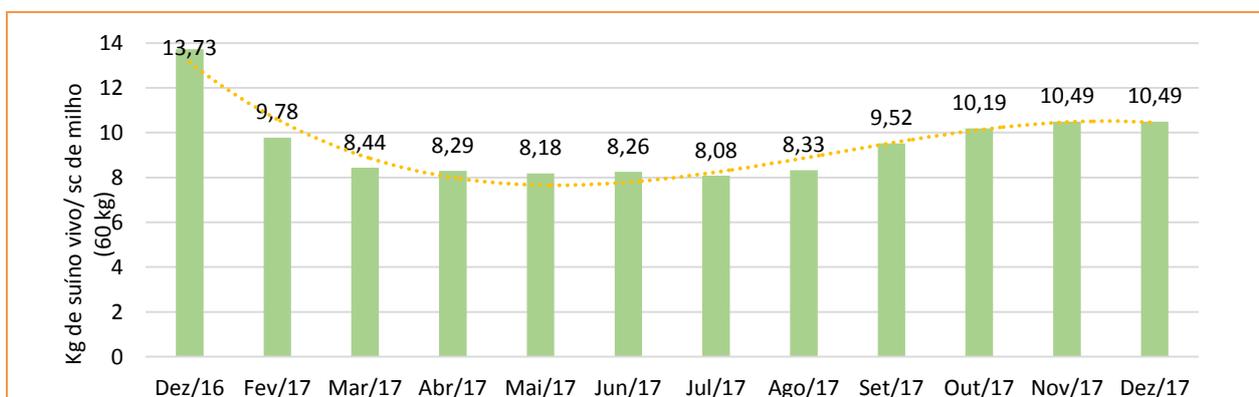


Embora também tenham sentido os reflexos da crise do setor, os preços dos leitões apresentaram variações menores do que aquelas observadas nos suínos vivos para abate, principalmente durante o segundo semestre. Em relação aos preços praticados em janeiro de 2017, os valores de dezembro apresentam uma pequena defasagem: -1,34% para os leitões de 6 a 10kg e -1,76% para leitões com +/-22kg.



A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos referentes à praça de Chapecó, começou o ano em queda, estabilizou durante alguns meses e depois voltou a subir durante o segundo semestre. O principal fator responsável por esses resultados foi a variação do preço do milho ao longo do ano. A queda na relação de equivalência só não foi maior no primeiro semestre porque os preços do suíno vivo também caíram significativamente.

Em novembro e dezembro de 2017 registrou-se novo período de estabilização no índice.



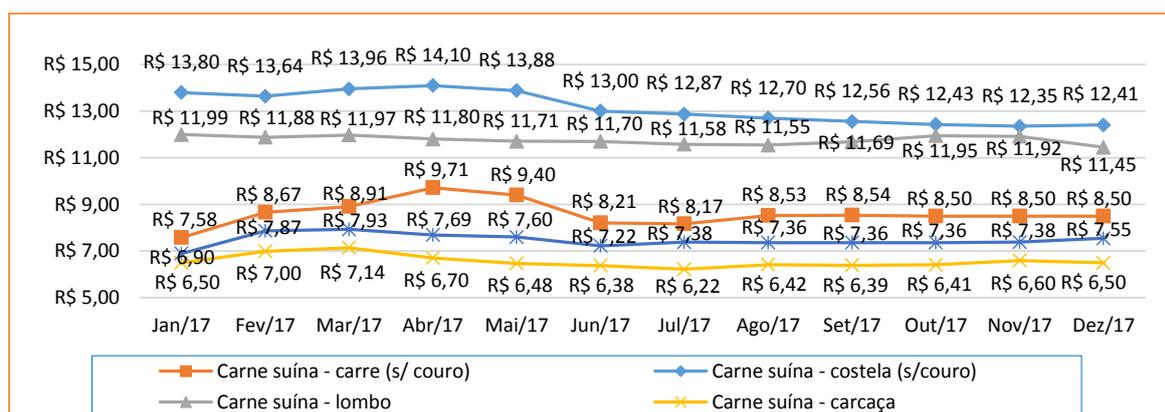
Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Não obstante o cenário negativo em relação aos preços ao produtor, o mercado atacadista mostra comportamentos distintos de acordo com as características da carne. Dos cinco cortes suínos cujo preço é divulgado pela Epagri/Cepa, três registraram queda na comparação entre janeiro e dezembro de 2017: costela (-10,08%), lombo (-4,53%) e carcaça (-0,06%). Por outro lado, carré e pernil tiveram aumentos significativos: 12,14% e 9,41%, respectivamente.

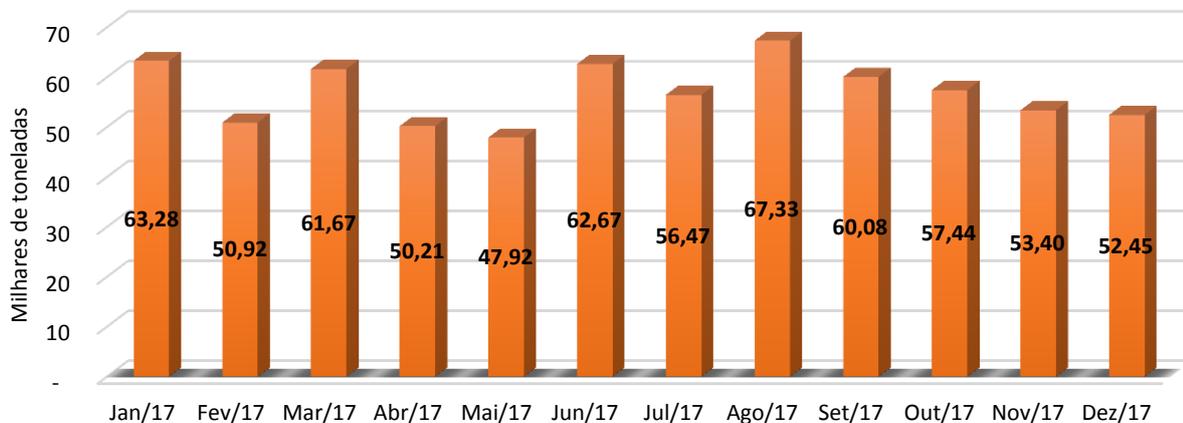
O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado dos cinco cortes ao longo do ano de 2017. Como é possível perceber, no segundo semestre predominou uma relativa estabilidade nos preços.



Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017

Assim como ocorreu com a carne de frango, as exportações de carne suína também foram afetadas pela Operação Carne Fraca nos primeiros meses após a deflagração da mesma. O pior resultado do ano foi atingido em maio, quando se exportou apenas 47,92 mil toneladas. Contudo, a partir de junho se verifica uma recuperação no ritmo dos embarques, até se atingir o maior volume do ano em agosto. A partir de então são registradas diversas quedas sucessivas. Embora esse não seja o único fator, o resultado do último mês tem relação com a suspensão das compras de carne brasileira por parte da Rússia.



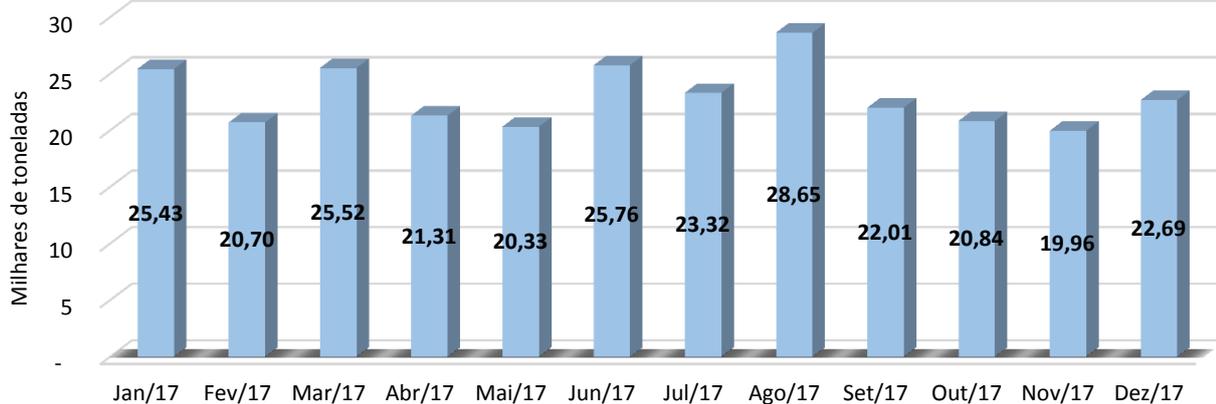
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Brasil – 2017

No total, em 2017 o Brasil exportou **683,84 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 5,04% em relação ao ano anterior. Por outro lado, em termo de receitas os resultados foram positivos: **US\$1,61 bilhão**, aumento de 9,67% em relação a 2016.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em 2017 foram Rússia, Hong Kong, China, Argentina e Cingapura, que juntos responderam por 80,91% das receitas.

Assim como ocorreu com o restante do país, as exportações catarinenses de carne suína também tiveram quedas significativas em abril e maio. A partir daí foram observados aumentos expressivos, a ponto de se registrar um recorde no mês de agosto, quando o estado exportou o maior volume mensal de carne suína de sua história. Esse movimento, no entanto, não se manteve nos meses seguintes, novamente sendo observadas quedas. Em novembro registrou-se o menor montante mensal exportado no ano.

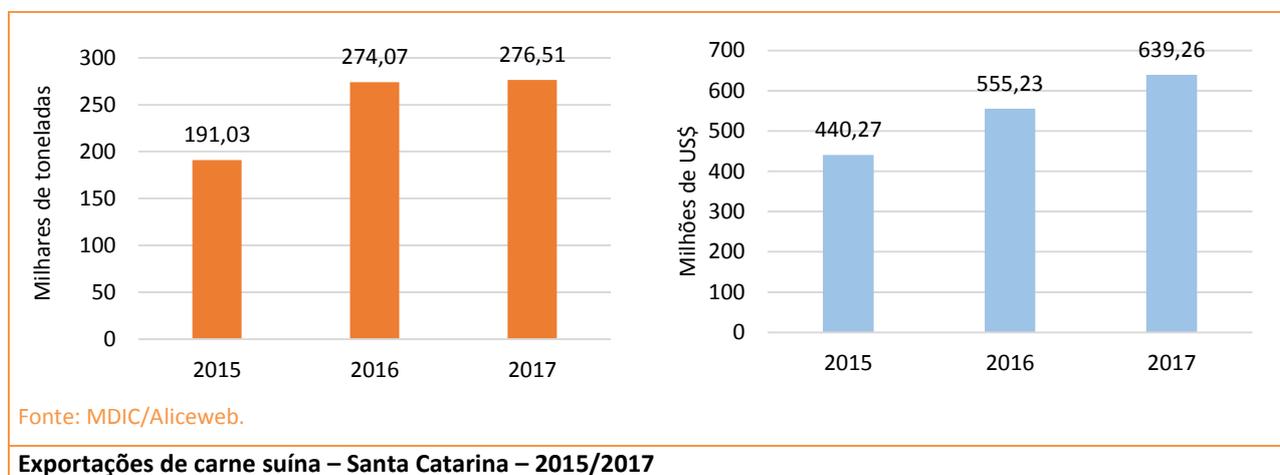


Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017

No total, Santa Catarina exportou **276,51 mil toneladas** de carne suína ao longo de 2017, o que representa um aumento de 0,89% em relação ao ano anterior. Com esse resultado, o Estado foi responsável por 40,44% de toda a carne suína exportada pelo Brasil no ano passado.

Em termos de receitas o cenário foi ainda mais favorável: **US\$639,26 milhões**, aumento de 15,13% em relação ao ano anterior.



Os principais destinos das exportações catarinenses em 2017 foram Rússia, China, Hong Kong, Chile e Argentina, que responderam por 81,03% das receitas oriundas da carne suína.

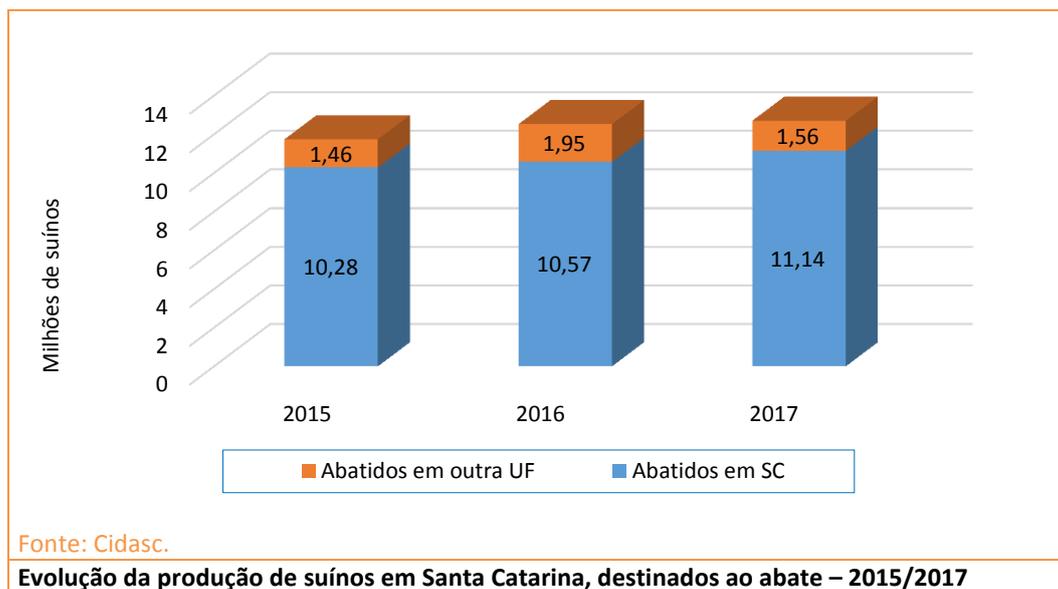
Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Rússia	693.030.386,00	259.358
Hong Kong	331.613.314,00	155.850
China	100.622.687,00	48.942
Argentina	95.482.957,00	32.676
Cingapura	83.192.388,00	31.919
Demais países	307.679.132,00	155.099
Total	1.611.620.864,00	683.844

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Produção catarinense em 2017

De acordo com os dados preliminares da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2017 foram produzidos no Estado e destinados ao abate um total de **12,70 milhões** de suínos. Esse total inclui todas as categorias de suínos que foram abatidos em estabelecimentos inspecionados (seja em Santa Catarina ou outros estados). Esse montante representa um **crescimento de 1,42%** em relação ao ano anterior.

Do total de animais produzidos em 2017, 11,14 milhões (87,71%) foram abatidos em Santa Catarina e 1,56 milhões (12,29%) foram abatidos em outras unidades da federação. Vale destacar que houve crescimento no primeiro grupo, tanto em termos absolutos quanto relativo: em 2016 foram produzidos e abatidos em Santa Catarina 10,57 milhões de suínos (84,41% do total).



Expectativas para 2018

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo setor durante o ano passado, há expectativas positivas para 2018. Grande parte dos analistas acredita que em breve o embargo da Rússia à carne suína brasileira deverá ser suspenso, garantindo a reabertura desse importante mercado. Além disso, a abertura do mercado da Coreia do Sul para os produtos catarinenses traz boas perspectivas. A Coreia do Sul ocupa a 4ª colocação no ranking mundial de importações de carne suína, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Outra notícia importante para o setor é a estimativa de aumento no consumo de carne suína este ano. Segundo relatório divulgado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), o consumo doméstico de carne suína pode aumentar 1,63% em 2018. Essa estimativa leva em consideração a projeção de aumento de 0,62% no PIB em 2018, conforme divulgado pelo Banco Central.

Além disso, o Cepea também estima um aumento de 2,38% na produção de carne suína do País em 2018, o que geraria um incremento 5,28% nos excedentes exportáveis. Com isso, um dos desafios para este ano é a busca de novos mercados ou ampliação da participação nos atuais, de forma a garantir o equilíbrio do setor.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), a China deve reduzir ainda mais as importações de carne suína em 2018, em função do aumento da produção própria daquele país. Isso deve impactar as exportações do Brasil, já que a China é o terceiro maior importador da carne suína brasileira.

Ainda assim, os volumes de exportações de carne suína brasileira devem crescer entre 4% e 5% em 2018, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Outro fator que preocupa os suinocultores é o risco de nova elevação nos custos de produção, principalmente em função da redução de 5,6% na expectativa de colheita de milho na safra 2017/2018 em relação à anterior, conforme estimativas divulgadas pela Conab.

Pecuária

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A atividade leiteira teve um ano de 2017 com dois semestres bem distintos. No que diz respeito ao preços aos produtores, o primeiro semestre esteve entre os melhores e segundo semestre entre os piores dos últimos anos. Considerando os preços recebidos pelos produtores catarinenses levantados pela Epagri/Cepa deflacionados pelo IGP-DI de dezembro de 2017, o preço médio real do ano ficou em R\$1,14/l, o que significa um decréscimo de apenas 3,4% em relação ao preço médio de 2016 (R\$1,18/l).

Leite - Preço médio⁽¹⁾ aos produtores catarinenses - 2013-17

Mês/período	R\$/l posto na propriedade				
	2013	2014	2015	2016	2017
Janeiro	0,97	1,04	0,88	0,96	1,09
Fevereiro	0,97	1,01	0,85	0,99	1,19
Março	0,96	1,01	0,88	1,06	1,24
Abril	1,00	1,08	0,91	1,11	1,29
Maio	1,04	1,12	0,99	1,14	1,31
Junho	1,05	1,12	1,01	1,20	1,32
Média do 1º semestre	1,00	1,06	0,92	1,08	1,24
Julho	1,12	1,12	1,02	1,30	1,28
Agosto	1,15	1,12	1,04	1,53	1,16
Setembro	1,17	1,09	1,02	1,42	1,01
Outubro	1,16	1,01	0,98	1,25	0,92
Novembro	1,16	0,96	0,93	1,10	0,93
Dezembro	1,08	0,91	0,95	1,08	0,95
Média do 2º semestre	1,14	1,04	0,99	1,28	1,04
Média anual	1,07	1,05	0,95	1,18	1,14

⁽¹⁾Preço médio mais comum no período de pagamento, deflacionado pelo IGP-DI de dezembro de 2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Mesmo considerando que o preço médio de 2017 foi apenas discretamente menor que o de 2016, e que é superior aos preços médios dos demais anos recentes, em decorrência da combinação da expressiva redução de preço do primeiro para o segundo semestre com o fato de os preços médios de alguns meses do segundo semestre estarem entre os mais baixos dos últimos anos, predomina a falsa sensação de que 2017 teria sido um dos piores anos da história para a produção leiteira.

Essa grande queda dos preços aos produtores ao longo do segundo semestre de 2017 foi muito justificada pelo crescimento da oferta, o que tinha por base, sobretudo, os dados dos levantamentos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), que mostram que desde junho a captação de leite pelas indústrias atingiu patamar jamais visto nos mesmos meses de anos anteriores, e que o período de agosto a novembro de 2017 foi marcado por recordes de toda a série histórica. Ou seja, os dados do Cepea não apenas confirmam que houve um importante crescimento na oferta de leite, como que isso teria sido especialmente relevante em alguns meses mais específicos de 2017.

Ocorre que em dezembro o IBGE divulgou dados parciais sobre a quantidade de leite recebida pelas indústrias brasileiras que divergem em alguns aspectos dos dados do Cepea⁶. Uma diferença diz respeito ao crescimento total da oferta no período de janeiro a setembro de 2017, em relação ao mesmo período de 2016. O Cepea dá um crescimento de 7,5% e o IBGE, de 4,3%. Outra diferença são as variações mensais de produção entre 2016 e 2017: em geral, os crescimentos apontados pelo Cepea são bem maiores que os do IBGE. Uma terceira é que para o IBGE os recordes mensais na quantidade de leite recebida pelas indústrias foram em 2014, e não em 2017. Finalmente, e talvez esse seja o aspecto mais importante para se saber como de fato se comportou a oferta em 2017 em relação aos anos recentes, é que segundo o IBGE a produção de 2017 é maior que a de 2016, mas inferior tanto a de 2014 quanto a de 2015.

Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea) - Brasil - 2016-17

Mês	Índice		Variação 2016-17 (%)
	2016	2017	
Janeiro	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	177,17	176,00	-0,7
Março	164,15	170,66	4,0
Abril	158,59	168,79	6,4
Maió	156,01	170,07	9,0
Junho	158,23	181,65	14,8
Julho	166,19	189,67	14,1
Agosto	176,49	199,01	12,8
Setembro	187,50	207,18	10,5
Total Jan/set	1.530,00	1.644,61	7,5
Outubro	187,65	203,53	8,5
Novembro	188,73	206,23	9,3
Total Jan/nov	1.906,38	2.054,37	7,8
Dezembro	188,54		

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

⁶ Embora sejam dados levantados em universos e com metodologias diferentes não é razoável que os dados do IBGE e do Cepea apresentem comportamentos muito divergentes, seja na quantidade e/ou na distribuição mensal da produção.

Brasil - Leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2014-2016					
Mês	Bilhão de litros				Variação 2016-17 (%)
	2014	2015	2016	2017	
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,099	1,3
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,830	-3,3
Março	2,038	2,028	1,898	1,925	1,4
Abril	1,911	1,851	1,749	1,809	3,4
Maio	1,948	1,886	1,742	1,904	9,3
Junho	1,939	1,908	1,728	1,934	11,9
Julho	2,018	1,985	1,897	2,022	6,6
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,077	4,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,064	5,1
Total Jan/set	18,214	17,772	16,930	17,664	4,3
Outubro	2,119	2,074	2,048		-2,1
Novembro	2,152	2,066	2,052		-4,0
Dezembro	2,262	2,151	2,140		-4,9
Total anual	24,747	24,062	23,170		-2,8

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Isso pode soar estranho para indústrias e/ou regiões que tiveram expressivos aumentos e recordes de produção em 2017, mas ao se considerar a hipótese que os dados do IBGE são corretos (a oferta de leite em 2017 sequer alcançou os mesmos níveis de 2014 e 2015) fica ainda mais evidenciado do que se supunha, que a redução dos preços dos lácteos e aos produtores no segundo semestre de 2017 esteve mais relacionada ao baixo nível na demanda de lácteos do que ao aumento da oferta de leite.

É oportuno destacar que, apesar das fortes manifestações contra as importações, sequer elas podem ser apontadas como responsáveis por algum crescimento de oferta de 2016 para 2017.

Balança comercial brasileira de lácteos⁽¹⁾ - 2008 a 2017

Ano	Toneladas		
	Importação	Exportação	Saldo
2008	77.482	142.347	64.866
2009	131.873	64.419	-67.454
2010	111.977	53.569	-58.407
2011	165.395	37.552	-127.843
2012	179.402	38.370	-141.032
2013	157.339	38.384	-118.956
2014	106.794	83.667	-23.127
2015	134.285	73.608	-60.677
2016	242.568	51.648	-190.920
2017	166.330	36.041	-130.289

⁽¹⁾Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

Seja como for, embora o ano de 2018 tenha começado com condições de mercado não muito diferentes das do final de 2017, parece evidente que os baixos preços impactarão negativamente sobre a produção leiteira brasileira dos próximos meses, o que pode significar uma retomada de recuperação de preços mais rápida do que tradicionalmente ocorre. Em Santa Catarina, aliás, na maioria das regiões o preço de dezembro (relativo ao leite entregue em novembro pelos produtores) já foi levemente superior ao de novembro.